

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	1

**TERCEIRA SECRETARIA
DIRETORIA LEGISLATIVA
DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA E APOIO AO PLENÁRIO
SETOR DE TAQUIGRAFIA
3ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 8ª LEGISLATURA
ATA CIRCUNSTANCIADA DA 48ª
(QUADRAGÉSIMA OITAVA)
SESSÃO ORDINÁRIA,
TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL
PARA DEBATER OS SERVIÇOS PRESTADOS PELO ICDF
AOS USUÁRIOS DO SUS
DE 25 DE NOVEMBRO DE 2021.**

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Há número regimental. Está aberta a sessão.

Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos.

Declaro aberta a presente sessão ordinária de quinta-feira, dia 25 de novembro de 2021, às 15h10min.

Dá-se início aos

Comunicados da Mesa.

Sobre a mesa, Expediente que será lido por mim.

(Leitura do Expediente.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – O Expediente lido vai a publicação.

Sobre a mesa, a seguinte ata de sessão anterior:

– Ata da 47ª Sessão Ordinária.

Não havendo objeção do Plenário, esta Presidência dispensa a leitura e dá por aprovadas sem observações a ata mencionada.

Em razão da aprovação do Requerimento nº 2.908/2021, de autoria do Deputado Jorge Vianna, a sessão ordinária de hoje, quinta-feira, 25 de novembro, fica transformada em comissão geral para a realização de debates sobre os serviços

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	2

prestados pelo Instituto de Cardiologia do Distrito Federal — ICDF aos usuários do SUS — Sistema Único de Saúde.

(A sessão transforma-se em comissão geral.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Esta Presidência irá suspender a sessão por cinco minutos até que todos se acomodem.

(Suspensa às 15h22min, a sessão é reaberta às 15h34min.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Está reaberta a sessão.

Boa tarde, senhoras e senhores, declaro reabertos os trabalhos desta comissão geral com a finalidade de debater os serviços prestados pelo Instituto de Cardiologia do Distrito Federal – ICDF aos usuários do SUS. Sejam muito bem-vindos a esta Casa, é um prazer poder debater e falar um pouco mais desse serviço, dessa instituição, que, por incrível que pareça, muita gente não sabe o que é. Então, hoje, eu acredito que tenhamos uma tarde de muitos ensinamentos, muitas emoções e, como diria um locutor: haja coração.

Convido a tomar assento à mesa – e já quero pedir desculpas pelo número reduzido, porque aqui nós respeitamos o protocolo de distanciamento – apenas três pessoas. Mas as outras pessoas que eu irei citar sintam-se como se aqui estivessem. Convido a tomar assento à mesa o Sr. Secretário de Saúde do Distrito Federal, General Manoel Luiz Narvaz Pafiadache (Palmas.); convido também a Superintendente do ICTDF– Instituto de Cardiologia e Transplantes do DF, Sra. Valda César.

Eu acho que hoje, oficialmente, nasceu um t. Oficialmente, agora, para todo o DF, para todo o Brasil, nós vamos saber o que é esse “t”. O que aconteceu com o ICDF que virou ICTDF?

Eu quero iniciar aqui, senhoras e senhores, fazendo um breve histórico de por qual motivo nós pensamos em fazer esta comissão geral aqui na Câmara. Lembrando que hoje é um dia de sessão ordinária aqui na Câmara Legislativa, mas que o Parlamentar tem o direito de pedir à Presidência, à Mesa Diretora, que nós transformemos a sessão ordinária em uma comissão geral. Isso acontece quando o assunto é relevante para a sociedade e tem um objetivo.

Então, eu acho que é o caso. Agradeço à Casa, à Câmara Legislativa por ter transformado esta sessão de hoje em uma comissão geral. Esta sessão está sendo transmitida pela TV e pelas redes sociais. E, como eu falei anteriormente, hoje a gente vai falar sobre os serviços prestados, pois muita gente não sabe o que é o ICTDF.

Então, o Instituto de Cardiologia do Distrito Federal – ICDF, ICTDF é uma instituição filantrópica, privada, sem fins lucrativos, administrada pela Fundação Universitária de Cardiologia – FUC, de referência nacional em alta complexidade na área de cardiologia. Atualmente é responsável pelo atendimento de aproximadamente 95% dos pacientes com doenças cardiovasculares Distrito Federal. Destaca-se também como um dos maiores centros multitransplantadores na região Centro-Oeste, realizando transplante de coração, de fígado, de rim, de córnea e de medula óssea.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	3

Possui equipe altamente especializada e de alta performance, oferecendo atendimento e serviço de excelência para toda a comunidade, incluindo pacientes particulares, por convênio, e do sistema público de saúde.

Eu, antes de ser Parlamentar, estava atuando no Sindicato dos Auxiliares e Técnicos de Enfermagem do Distrito Federal como servidor. E eu tinha uma visão do instituto. Para mim, o instituto era uma empresa privada que visava a lucro. Para mim, era uma empresa que se aproveitava da ineficiência do serviço público para poder ter recurso. Era uma empresa que não valorizava o trabalhador, porque, por várias vezes, eu estive lá reclamando, brigando, defendendo os trabalhadores, porque os salários estavam atrasados, enfim. A gente tinha uma visão do instituto. E eu acho que muita gente ainda tem essa visão. Então, o objetivo aqui hoje é realmente mostrar o que é esse instituto, o que ele faz e se isso que eu falei, se essa minha percepção realmente está correta nos dias atuais.

Eu trouxe isso não para expor de forma pejorativa, eu trouxe porque, justamente, hoje eu conheço a estrutura, eu conheço a coordenação e conheço, como ninguém, os trabalhadores. Eu mudei totalmente meu conceito, e nós temos que ser justos. Eu sou um Deputado que critica muito a Secretaria de Saúde, critica muito o governo. Ajudo quando tenho de ajudar e critico quando tenho de criticar, e, sinceramente, aqui, hoje, eu fico muito feliz, porque será muito relevante o que falaremos aqui. Assim como eu mudei minha percepção, eu tenho certeza de que todos vão mudar também.

Eu estive lá fazendo algumas visitas e do nada encontrei um paciente que, emocionado, nos falou que aquele lugar era o melhor lugar do mundo para ele. Eu senti tanta verdade no paciente que falei: puxa vida, a gente tem que fazer alguma coisa para ajudar. A partir daquele momento, Valda, eu falei: tem que ajudar. Sabe, o que houve de errado no passado, os erros que foram cometidos não vão mais acontecer, porque vou fiscalizar, cobrar, mas ajudando, que é o nosso papel.

Eu fiquei mais surpreso ainda, porque 90%, mais ou menos, dos pacientes do SUS são atendidos lá. Desmontaram a cardiologia do Hospital de Base, eu acho que o maior prejuízo que nós tivemos na Secretaria de Saúde foi o desmonte da cardiologia do Hospital de Base. Esse serviço ficou quase exclusivo do instituto, mas será que nisso houve uma vantagem para o instituto? O instituto queria isso? Quando eu fui ver, vi que não, inclusive os procedimentos eram muito mais baratos do que os da tabela. Falei: então não há lucro! Cadê aquele lucro que achávamos que ele queria? Ele não tem lucro algum, tem é prejuízo, e foram esses prejuízos que causaram tantos problemas financeiros.

Hoje, está todo mundo aqui, o time está completo: médicos, profissionais de enfermagem, trabalhadores de apoio, trabalhadores em geral e o principal de tudo, que não é o Deputado, não é o diretor, não é o superintendente, não é o médico, são eles ali: os transplantados, os pacientes, que estão vivos hoje, graças a Deus, graças ao SUS, graças a esses profissionais. Então, não há como deixar de falar sobre isso.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	4

A sessão hoje vai ser bastante produtiva e emotiva, porque falar de transplante, falar de vida é uma coisa que comove muita gente. E vamos ser técnicos também.

Embora não consigamos fazer com que todos falem, os oradores – que eu acredito que contemplam todos – serão os seguintes. O Sr. Diretor Técnico do Instituto do Coração, Dr. André Watanabe; o Sr. Chefe da Pediatria do Instituto do Coração, Dr. Jorge Afione, com quem tive o prazer de conversar no ano passado; a Sra. Médica Dra. Helen; a Sra. Médica Dra. Adenalva; o Sr. Médico, Dr. Vitor Barzilai; a Sra. Enfermeira, minha amiga, Carminha; a Srta. Tainá, transplantada de rim; e a Sra. Elaine, transplantada de coração. É isso, por enquanto.

Esses são os que irão falar, os que foram apontados pelo Instituto do Coração, mas aqueles que quiserem também fazer uso da palavra, temos o nosso pessoal aqui, para anotar o nome de quem quiser falar, está bom?

Quero registrar a presença de Luciana Sobral, RTD – Referência Técnica Distrital colaboradora da cardiologia da Secretaria de Saúde do DF. Quero também agradecer a presença de nosso amigo, Deputado Guarda Janio. Deputado, pelo protocolo da Casa, V.Exa. tem o direito de fazer uso da palavra com prioridade.

Antes de passar a palavra aos colegas da Mesa, concedo a palavra ao Deputado Guarda Janio. Boa tarde, seja bem-vindo. V.Exa., que é da segurança pública, o coração está bom, está tranquilo? V.Exa. andou internado esses tempos por conta da Covid-19. Aqui vai ser pancada, pancada no coração. Com a palavra, meu amigo.

Concedo a palavra ao Deputado Guarda Janio.

DEPUTADO GUARDA JANIO (PROS. Sem revisão do orador.) – Boa tarde a todos, à Mesa, ao Deputado Jorge Vianna, a toda essa equipe, ao nosso Secretário, ao Presidente do instituto. Que Deus abençoe vocês e todos os médicos.

Falando de coração, eu estou aqui também para falar do milagre que Deus fez na minha vida. Existe a medicina, através da nossa fé em Deus, e, na medicina, com as orações da família e dos amigos, estou aqui para dar o meu testemunho.

Falar dos profissionais de saúde, gente, não tenho nem o que falar, é tirar o chapéu e dizer que vocês são a benção de Deus na vida das pessoas. Eu só tenho aqui que parabenizá-lo por fazer este ato aqui, esta comissão geral aqui na Câmara Legislativa do Distrito Federal, e por essa iniciativa sua, Deputado. V.Exa. é uma pessoa atuante aqui na Casa, eu tenho que tirar o chapéu para V.Exa., por ser um defensor nato mesmo da saúde. E estou aqui só para apoiá-lo em tudo o que for possível. Pode contar sempre comigo, bem como todos os membros aqui que se fazem presentes nesta reunião tão importante para falar da saúde, da vida e de amor ao próximo.

O que eu vejo nos profissionais é que, acima de tudo, é uma profissão linda, maravilhosa. Além de salvar vidas, existe aquele amor ao próximo, aquele

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	5

comprometimento. Quando eu passei aqueles 27 dias – 48h entubado – no hospital, o que eu vi foi humanização, amor dos profissionais que ali trabalhavam, do humilde faxineiro da portaria, dos enfermeiros, dos médicos, foi o comprometimento com a vida da pessoa. Aquilo para mim foi uma injeção tão grande, o carinho com que eles me trataram, com tanto amor. Eu me sinto assim grato a vocês por estar aqui falando um pouco da minha vida, porque eu fui lá e voltei.

Então, eu quero assim parabenizar mil vezes, mil vezes mesmo: vocês são uma bênção nas nossas vidas, e nós temos que tirar o chapéu para vocês e dar todo o apoio possível. Que Deus abençoe a cada um de vocês, ao Secretário de Saúde, a todos vocês, principalmente, ao meu Deputado Jorge Vianna. V.Exa. é um Deputado atuante. Que Deus abençoe você cada vez mais. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Obrigado, Deputado Guarda Janio.

Rapaz, esse cara depois que entrou aqui na Câmara Legislativa do Distrito Federal fez uma diferença tão grande, vocês não têm noção. O cara veio mostrar aqui um outro jeito de fazer política. Demorou para V.Exa. estar aqui na Casa, Deputado Guarda Janio. É a vontade de Deus.

Quero passar a palavra aqui para o meu amigo, o General Pafiadache. Rapaz, esse cara... No início, quando você entrou, deu logo uma na canela, por conta daquele ponto facultativo em que os servidores tiveram que trabalhar. Eu falei: "Não, está errado. Secretário, espere aí. No primeiro ponto facultativo, você coloca o pessoal para trabalhar e nem precisava. Esse secretário, não sei, não". Fui conversar com ele, e é diferente. O cara é diferente. O cara realmente quer ajudar, quer fazer, sério, honesto. Viu, Secretário? E é por isso que eu o defendo aonde eu vou. Estou sentindo firmeza.

Concedo a palavra ao Sr. Secretário de Saúde, General Pafiadache. (Palmas.)

SR. MANOEL LUIZ NARVAZ PAFIADACHE – Boa tarde a todos, meu caro amigo, Deputado Jorge Vianna. Eu queria cumprimentar também a Sra. Valda César, a nossa Superintendente do Instituto de Cardiologia e Transplantes do Distrito Federal. Acho que a gente podia colocar também mais um c. Cardiologia, criança e transplante, que são as três palavras que caracterizam essa unidade hospitalar maravilhosa. (Palmas.)

Queria cumprimentar o Dr. Rogério e o Dr. Gustavo, da Fundação Universitária de Cardiologia, que estão conosco aqui nos prestigiando. São nossos parceiros. Quero cumprimentar também o André Watanabe, meu grande amigo; a Dra. Patrícia, do Ministério da Saúde; o nosso Dr. Jorge Afione; o Dr. Gebrim, que está lá em cima, acenando para todos nós (Palmas.); a Dra. Helen, que é uma entusiasta da entidade; todos os servidores do nosso instituto e também os servidores da nossa Secretaria de Estado de Saúde que estão aqui conosco; o Dr. Vitor; a nossa enfermeira Carminha; a nossa senhora transplantada que está conosco e veio colocar o seu coração aqui à nossa disposição, Tainá – nós conversamos lá fora um pouquinho e, na verdade, ela vem agradecer mais uma vez ao instituto, isso não tem preço: rins; a Sra. Elaine, transplantada do coração, que veio aqui dar o seu depoimento; a Dra. Luciana, da

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	6

cardiologia da Secretaria de Estado de Saúde – que bom que você veio!; o nosso amigo, Deputado Guarda Janio – estivemos hoje na inauguração de uma UBS – Unidade Básica de Saúde. Como é bom, a gente inaugurar uma unidade básica de saúde, fortalecer a atenção primária. Ano que vem, vamos inaugurar mais dezessete unidades básicas de saúde, mais duas UPAs – Unidades de Pronto Atendimento, fortalecendo assim a atenção primária. Isso vai ajudar muito.

Cumprimentando a todos, eu queria dizer da imensa alegria de estar aqui neste momento. Conheço profundamente o nosso instituto e, mais do que isso, dediquei parte da minha atenção, mesmo no Ministério da Defesa, em prol do nosso instituto. Encarei o instituto como uma causa que eu deveria ajudar não a salvar, não é isso, mas a ter vida longa, e mais coisas para frente vão acontecer. Podem ter certeza!

Recordo-me da primeira vez que tive contato com o instituto. Num final de tarde, pedi uma reunião no auditório do instituto – não é, André? –, vários médicos apareceram, enfermeiros. Enfim, todos olhando meio desconfiados para mim. Mas ali eu já tinha um propósito, ali eu já tinha criado uma causa. E não abri mão desse propósito e dessa causa até hoje.

Tenho falado muito sobre o instituto como Secretário de Saúde do Distrito Federal. É até estranho, parece que eu estou querendo beneficiar o instituto. Não. Falo com todas as palavras para todo mundo, mostro o que representa o Instituto de Cardiologia e Transplante para os resultados do SUS na área de transplante cardíaco adulto, pediátrico, transplantes e outras atividades que lá são realizadas. Não grito pelo instituto porque vim de lá. Não. É porque eu mostro o quanto é importante o instituto com a sua produtividade, com a sua resolubilidade em função do SUS do Distrito Federal.

Portanto, imaginem os senhores a minha alegria de estar, neste momento, com todos os senhores aqui homenageando o instituto que se caracteriza por coração, criança e transplante.

Era o que eu tinha a dizer. Obrigado. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Obrigado, General.

E para quem não sabe, o General, antes de vir para a Secretaria de Saúde, estava lá no instituto, então, ele o conhece como ninguém e tem o dever de ajudar mais ainda porque conhece a casa e sabe dos problemas.

Pessoal, eu queria fazer um destaque às pessoas que eu vou mencionar. Que elas se sintam como se estivessem contempladas aqui na Mesa também. Se quiserem fazer uso da palavra, ela está facultada também. Essas pessoas são: o Sr. Diretor da Fundação Universitária de Cardiologia do Rio Grande do Sul, Dr. Gustavo Glotz de Lima. Podem bater palmas. (Palmas.) Ele está lá em cima. Se o senhor quiser descer, doutor, pode ficar à vontade. Os nomes que eu falar, caso queiram, fiquem aqui próximos também e façam o uso da palavra. O Sr. Superintendente da Fundação

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	7

Universitária de Cardiologia do Rio Grande do Sul, Dr. Rogério Dalfollo Pires. O Dr. Rogério está lá em cima! Desça aqui, doutor, fique por aqui. Está enxergando daí direitinho? A Sra. Diretora-Geral do Complexo Regulador em Saúde do Distrito Federal, Dra. Joseane Gomes Fernandes Vasconcellos. Está ali a minha amiga, enfermeira do SAMU – Serviço de Atendimento Móvel de Urgência. (Palmas.) A Sra. Diretora da Central Estadual de Transplantes, Camila Vieira Hirata Almeida. (Palmas.) Obrigado pela presença. A Sra. Coordenadora Substituta do Sistema Nacional de Transplante do Ministério da Saúde, Dra. Patrícia Gonçalves Freire. (Palmas.) É importante o Ministério da Saúde estar aqui. É quem também vai passar o dinheiro para nós. O Sr. Conselheiro e Coordenador do Grupo de Trabalho do ICTDF, Dr. Rubens Bias Pinto, representando a Presidente do Conselho de Saúde do Distrito Federal, Dra. Jeovânia. (Palmas.) O Sr. Conselheiro e integrante do Grupo de Trabalho do ICTDF, Raimundo Nonato Lima, conhecido como Rai. (Palmas.) De cabelos brancos agora, Rai? Esse cabelo não é original, não, não é? Está branco mesmo? A minha barba também é original. O Sr. Chefe de Divisão Técnica da Fundação Hemocentro, Dr. Alexandre Nonino. (Palmas.) Dr. Alexandre, seja bem-vindo.

Sintam-se à vontade, também, para fazer uso da palavra.

Eu vou passar a palavra à Sra. Valda, a quem eu tive o prazer de conhecer ainda no instituto. Eu estava no sindicato ainda. Acho que com todos os gestores da Secretaria de Saúde e do IGESDF – Instituto de Gestão Estratégica em Saúde do Distrito Federal que já passaram eu já tive contato, uns mais acalorados, outros nem tanto. Com a Valda, eu até que estava mais tranquilo. Na época, ainda estava começando lá, não havia tanta coisa errada.

E é bom, Valda, saber que agora a senhora está fazendo parte do grupo, porque a sua passagem no Iges, ao que consta, foi uma passagem muito técnica. As pessoas até hoje falam e se lembram da senhora como uma pessoa que fez um trabalho técnico, principalmente de RH naquele hospital. Então, agora, eu acho que a senhora tem tudo para trazer a sua experiência para o instituto fazer uma boa gestão, como vem fazendo.

E o bom gestor, pessoal, não é aquele que só faz o trabalho em gabinete. A Valda anda aqui na Câmara pedindo ajuda, pedindo apoio. Isso é ser um bom gestor, porque o instituto precisa de ajuda, e nós podemos ajudá-lo. Eu nem sabia que nós podíamos ajudar o instituto com emendas parlamentares.

E aí, secretário, ano passado, inclusive, nós mandamos emenda parlamentar e não foi executada. Este ano, nós estamos na iminência, também, de não ser executada. Eu vou chamar a atenção da Secretaria de Saúde, de quem é responsável, porque, se os 500 mil que nós mandamos não forem executados este ano, o povo vai saber, e por que não foi. (Palmas.)

Isso desmotiva os Deputados a mandarem emendas parlamentares, porque é um dos motivos pelos quais os Deputados não mandam emenda parlamentar para a saúde, secretário. E eu soube porque os próprios colegas falaram: “Jorge, é a maior

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	8

dificuldade de executar”. É uma dificuldade tão grande, que nós acabamos não mandando para lá. Mandamos para outro lugar, porque é mais rápido.

Vamos mudar um pouco essa realidade de execução de emendas na Secretaria de Saúde. Os meus recursos, dos 19 milhões, 80% eu mando para a saúde. Ainda bem que estão executando, porque nós mandamos para a Covid e tal. Mas a do ICTDF não estão executando. Hoje a bronca é: executem as emendas do ICTDF.

Concedo a palavra à Sra. Valda, que é a cobradora. (Palmas.)

SRA. VALDA CÉSAR – Obrigada. Boa tarde a todos.

Eu quero iniciar a minha fala com um agradecimento muito particular ao Deputado Jorge Vianna, pois foi S.Exa. que abriu as portas desta Casa para termos este momento. Então, eu agradeço a S.Exa. e, na pessoa dele, eu agradeço aos demais Deputados que estão presentes ou que estão nos ouvindo por meio da transmissão.

É um momento muito importante, que marca uma oportunidade de mostrarmos o quanto nós somos imprescindíveis para a saúde do Distrito Federal, e fazemos isso com muita honra e com muito orgulho. Então, fica o meu agradecimento, porque eu acho que nunca, na história do instituto, nós tivemos uma oportunidade como esta. E é assim que a gente firma uma marca e firma um compromisso. Então, fica o meu agradecimento ao Deputado Jorge Vianna e a esta Casa.

Eu agradeço, também, por sua presença, ao General Pafiadache. Eu sou um pouco suspeita ao falar do General Pafiadache, porque eu tenho uma admiração incrível pelo profissionalismo dele. Apesar de toda a competência técnica, que conta muito, o General Pafiadache tem um senso de humanidade extraordinário!

Senso de humanidade é uma competência que nem todos têm, até porque quem trabalha na saúde, antes de pensar em processo, antes de pensar em recurso, antes de pensar em alguma coisa, tem que pensar em humanização. Então, é um homem honrado, é um homem sério, é um homem ético, e eu acho que isso traz toda a credibilidade que a pasta, hoje, precisa em qualquer lugar do mundo.

Então, eu agradeço muito a sua participação na Mesa e, particularmente, o nível de relacionamento que a gente está estabelecendo com a Secretaria de Saúde.

Aproveito também, não tenho aqui todos os nomes, para agradecer todos os representantes das instituições que o Deputado Jorge Vianna citou. São profissionais, hoje, de instituições que são técnicas, são formadores de opinião, que acompanham e que monitoram o sistema de saúde, que são imprescindíveis para o sistema e que, hoje, tiveram todo o cuidado de se dedicar a um debate feito este.

Então, agradeço a todos os representantes dos órgãos oficiais que estão aqui e faço um convite para que a gente mantenha relações próximas.

Um dos propósitos que falaremos hoje aqui – até estive falando com o conselheiro – é transparência, que foi o que permitiu ao Deputado Jorge Vianna abrir

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	9

este espaço, porque ele entende que nós estamos nesse processo de transparência e estamos abertos para qualquer um a qualquer momento.

A minha fala será rápida, mas, só para contextualizar um pouco, o Instituto de Cardiologia, que hoje é Instituto de Cardiologia e Transplante, é um dos hospitais da Fundação Universitária de Cardiologia, fundada em 1966. Então, é uma instituição que carrega uma grande experiência na área de cardiologia. Isso é referência e nos credencia a ter nossas certificações. Portanto, tem um valor muito grande, hoje, para a nossa marca, que é reconhecida nacionalmente e internacionalmente por sua excelência e vanguarda desde a fundação.

Hoje, ela possui seis hospitais, sendo um deles o ICTDF, gera 4.200 empregos aproximadamente, está com sua capacidade de rede, hoje, em praticamente 95% da sua capacidade instalada para o Sistema Único de Saúde, e hoje tem praticamente 950 leitos ativos. Então, é importante a gente evidenciar isso porque o Instituto de Cardiologia não nasceu do nada, ele nasceu de uma experiência, de uma *expertise* de um grupo que construiu uma história. Deixo aqui também, e ressalto, o agradecimento aos representantes, Dr. Rogério e Dr. Gustavo, por nos permitir estar compondo esta marca.

Sobre o ICTDF, a minha conversa reflete muito do que o Deputado Jorge Vianna falou. Os últimos anos para o ICTDF foram muito complicados. Eu assumi em janeiro, mas nós enfrentamos muitas dificuldades. O ano de 2020 foi marcado por inúmeras dificuldades, mas eu acompanhava na mídia e via os momentos críticos que o Deputado Jorge Vianna, que todos os nossos funcionários que estão aqui atravessaram. Tiveram muita dificuldade, mas hoje nós temos o prazer e o orgulho de falar, como todo mundo fala, que jamais alguém abandonou o barco. Então, o corpo clínico aqui presente, os funcionários, os profissionais da saúde, os multiprofissionais estiveram na crise e continuam firmes na missão.

Então, hoje, é um orgulho saber que quem está aqui viveu a crise e não abandonou o barco. Então, se não abandonou o barco na crise, não vai abandonar o barco na recuperação. (Palmas.)

Este momento em que estamos aqui publicamente é efetivamente uma ação de retomada e de recuperação do instituto. Nessa crise, enfrentamos um desabastecimento muito grande, como todo mundo sabe. Isso gerou falta de insumos, prejudicou agenda cirúrgica, procedimentos hospitalares, causou atraso na folha de pagamento, no recolhimento de encargos, aumentou filas de cirurgias. Foi um momento muito delicado.

Hoje vivemos um momento muito específico, muito delicado, que é o momento de recuperação. O momento de recuperação requer capacidade de gestão. Ele requer força de trabalho, ele requer persistência, e esse grupo não deixa a desejar. No ano de 2021, até com a ajuda do atual secretário, que, na ocasião, estava no Ministério da Defesa, e do Ministério da Saúde, recebemos um aporte financeiro importante, com o

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	10

qual equalizamos o pagamento dos nossos fornecedores, o pagamento dos nossos funcionários e colocamos o hospital operacional.

Hoje ele está em um momento completamente diferente. Está com as portas abertas para qualquer um visitar, para qualquer um olhar as contas, para qualquer um olhar as despesas. Hoje o hospital está na sua capacidade plena. Posteriormente, vocês vão ter o prazer de ouvir o nosso corpo clínico entrando em considerações muito importantes sobre o nosso funcionamento. Hoje há insumos na casa. Não há, hoje, todo o abastecimento de que gostaríamos, mas não há nenhuma cirurgia cancelada por falta de OPME – Órteses, Próteses e Materiais Especiais ou por MAT/MED – Materiais e Medicamentos. Não há. Isso é o respiro e a resposta que damos ao sistema de como estamos aplicando os nossos recursos. Hoje a folha de pagamento está em dia. Estamos na batalha para efetuar o nosso pagamento de décimo-terceiro – e vamos conseguir. Não tenho dúvida de que vamos conseguir. (Palmas.) Há encargos sociais negociados em Refis, como toda instituição hospitalar teve que fazer.

Temos um trabalho muito importante, que é a mudança de marca pelo reconhecimento, hoje, da importância de olhar, de ombros e cabeça erguida, que hoje é um instituto de cardiologia, porém é um centro multitransplantador de órgãos sólidos – vocês vão ter a oportunidade de ver a apresentação brilhante que o André vai fazer logo na sequência.

Só quero evidenciar uma coisa: em janeiro, realizamos, quando estávamos em processo de recuperação, 89 procedimentos, entre cirurgias e hemodinâmicas. Oitenta e nove. Em novembro, estamos realizando 409 procedimentos. (Palmas.) Isso, sim, é motivo de reconhecimento. É motivo de aplauso, sim, porque, quando a gente sai de 89 procedimentos para 409, isso é entrega efetiva à população, ao usuário do sistema. Então nos orgulhamos desse número.

Estamos com a nossa capacidade instalada completamente produtiva. Estamos em um momento muito importante, muito estratégico, que é uma tratativa com a Secretaria do Estado, por meio do General Pafiadache e sua equipe, na certeza de que vamos assinar outro instrumento, um instrumento baseado na realidade do sistema, na necessidade dos nossos pacientes.

Acreditamos que, em breve, não só vamos manter os indicadores quantitativos e qualitativos, mas também vamos transformar o instituto. Algumas pessoas já falam: “O Instituto de Cardiologia é o que há de melhor hoje”. Sem nenhuma conotação em relação à rede, hoje há, no instituto, um valor que está à disposição da sociedade, que é uma equipe de altíssima qualificação, de altíssima credibilidade, reconhecida em Brasília e no Brasil, profissionais que se deslocam de outros estados para cumprir a nossa agenda cirúrgica. Nós temos nossos pacientes, e hoje temos a gratidão e a honra de contar com eles dando depoimento sobre isso. Nós temos hoje essa equipe do ICTDF completamente à disposição. Então, com um instrumento contratual equilibrado, nós queremos dar a sustentação que a instituição precisa e merece.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	11

Então, Deputado, essa é a minha fala. Eu quero fazer um agradecimento especial aos pacientes que aceitaram vir hoje aqui dar seu depoimento e fazer um agradecimento especial à equipe do ICTDF, que está hoje toda distribuída aqui, que é o que nós temos, é nosso maior valor, o nosso produto-ouro está ancorado na equipe e nos nossos pacientes.

Muito obrigada pela oportunidade.

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Muita gente não sabia e agora está sabendo do que a Valda falou, do que ela lembrou: no ano passado, eu estive lá. Conheci a Carminha no movimento em defesa dos trabalhadores, pelos salários atrasados e tudo. Essa baixinha danada! E a gente começou a conversar e tal. No final do ano passado, nós fizemos uma ação, em que eu ajudei, para distribuir cestas natalinas. Deu trabalho, buscar peru gelado, botar no carro, com gelo e tal, na bolsinha.

Cara, eu achei aquilo muito massa! Para você ver: todos os servidores fizeram vaquinha para ajudar os servidores que estavam sem salários, que estavam com dificuldade financeira. Isto aqui é diferente, isto aqui não é uma empresa, não! Isto aqui é uma irmandade! Todo mundo ajuda todo mundo, todo mundo se conhece pelo nome, sem distinção: se é médico, se é enfermeiro, se é da limpeza. Isto aqui é diferente, ou seja, este aqui é o lugar no qual eu quero estar.

Então, a partir daquele momento, Carminha, em que você me mostrou a outra realidade do ICTDF, dos trabalhadores, de como é, eu fiquei apaixonado por aquilo e pelos trabalhadores. Realmente, vocês seguraram a onda. Não só vocês seguraram, como eles também seguraram a onda ao não demitirem ninguém, porque a pressão era muito grande.

Quantas vezes eu vim aqui, à tribuna, cobrar dos secretários de saúde anteriores que pagassem o que deviam ao ICTDF. Havia o recurso do Ministério da Saúde que estava previsto para eles, e os caras seguravam, botando dificuldade. Cheguei a brigar com o secretário! Briguei mesmo com o secretário! Falei: "Vocês devem!" "Ah, mas a gente não deve." "Deve, sim, porque o programa do Ministério da Saúde prevê um valor para a alta complexidade." Eu fiquei feliz quando saiu o pagamento, pois me ligaram da Secretaria de Saúde: "Olha, vai sair amanhã à noite". Eu até mandei um áudio: "Oh, vai sair amanhã." Não saiu! Eu pensei: "Não é possível!" "Não, Deputado, no outro dia, vai sair." Eu pensei: não vou mandar áudio mais, não. Aí, no outro dia, saiu.

Então, assim, a gente ficou muito apreensivo com relação ao pagamento de todos vocês. Evidentemente, alguns têm condições melhores e podem se manter, por um ou dois meses, sem salário, mas a maioria, não. E, mesmo assim, vocês seguraram a onda. Cara, vocês são demais! Vocês são demais! Eu acredito muito em vocês.

Registro a presença da Gabi Gonçalves, que é transplantada renal. Está aí a Gabi? Cadê ela? Seja bem-vinda, Gabi.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	12

Pessoal, a Valda vai apresentar um vídeo, e, assim que ela apresentar, eu vou passar a palavra. Já pode se preparar, inclusive, aí em cima. Dr. André Watanabe, Diretor Técnico do Instituto do Coração, vai fazer uma apresentação também, não é, André? Então, depois que você exibir o seu vídeo, o André já pode se preparar para fazer a apresentação dele.

E aí nós vamos intercalando as falas, porque eu queria ouvir os trabalhadores, os transplantados. Como há uma ordem, vou me permitir aqui mudar um pouco essa ordem, só para poder ouvir as pessoas que eu mais quero ouvir, que são os transplantados.

Para você ver, eu tenho dezenove anos de profissão, sou técnico de enfermagem, sou enfermeiro, e aí estiveram, no gabinete, a Carminha e a Dra. Bia. Cadê a Bia? Alguém tem de trabalhar, e ela está lá. E, quando me falaram – desculpem, perdoem-me a ignorância – que o transplantado tem um tempo de transplante, que, em média, são dez anos, eu fiquei desesperado, Deputado Guarda Janio. Você sabia que o transplantado tem, em média, dez anos com o órgão e que sempre continuará numa fila? Eu não sabia disso, gente, de verdade! Eu não achava isso. Talvez, eu não tenha estudado o suficiente sobre transplante, mas eu fiquei muito preocupado com isso. O transplantado será sempre um paciente aguardando transplante.

Como é a vida do transplantado? Eu queria ouvir isso de vocês que têm o transplante. Como é isso para vocês? Como é saber que você tem um tempo de vida? Todos nós temos, mas eu não sei o meu tempo de vida. Podem ser duas horas ou podem ser cem anos. Mas você ter esse tempo, como é isso? Como é essa contagem regressiva? Deus queira que não! Que nós tenhamos sempre doadores.

Vou contar uma história rápida, Valda, que muito me emociona. No primeiro dia de mandato, nossos *e-mails* ficam disponíveis na internet desta Casa, assim como a nossa foto, telefone e tudo. As pessoas mandam *e-mail*, agendando para falar com o Deputado. No primeiro dia de mandato, cheguei aqui, parecendo um Deputado, de gravata e tudo. Eu falei assim: “Há um primeiro encontro marcado, não é? Quem é?” “Fulano de tal.” Falei: “Beleza”. Pensei assim: “Ah, ele deve pedir uma cesta básica, um emprego, uma ajuda financeira, qualquer coisa”. Ela se sentou e – por Deus do céu! – foi a primeira pessoa que eu atendi no meu gabinete, e falou assim: “Deputado, eu estou aqui e eu queria que o senhor me ajudasse porque eu preciso fazer um transplante”. Aí eu me quebrei. Eu falei: “Mas como assim?”. “É porque eu preciso fazer um transplante, eu preciso de um doador”. Eu falei: “Mas como é que eu vou arrumar um doador? Como é que se faz isso?”. Foi quando nós fizemos uma campanha em busca de doadores de medula. Eu fui para o hemocentro voluntariar-me como doador. Hoje eu sou doador de medula graças a esse primeiro atendimento no meu gabinete. Eu coloquei todo mundo do meu gabinete para ir lá também. Eu disse: “Vamos lá. Todo mundo vai tentar ser”.

Eu percebi também outra ignorância minha: para cada 100 mil pessoas, você consegue um doador compatível. São 100 mil! Se a gente fizer uma campanha aqui, em Brasília, buscando doadores de medula – somos 2 milhões de pessoas –, seriam

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	13

duzentos doadores, mais ou menos. Para você ver: é muito raro! É preciso incentivar mesmo! Eu fiz isso com muito prazer. Eu sempre falo isso, porque foi onde tudo começou na defesa deste sistema público de saúde, que eu tanto defendo.

Vou pedir à Valda para apresentar o vídeo.

SRA. VALDA CÉSAR – Deputado, em função até da sua fala, nós fizemos uma remodelagem da nossa marca. O instituto era dominado Instituto de Cardiologia, mas essa nomenclatura não representava toda a complexidade e a importância da instituição. Então, a nossa marca foi alterada. Eu gostaria de mostrar o vídeo para vocês, apresentando o que fizemos. Nós registramos, na nomenclatura, a denominação “Transplantes” e fizemos uma relação do instituto com Brasília. Eu gostaria de exibir esse vídeo, para vocês, porque ele tem uma relevância não só pela marca, mas uma relevância do ponto de vista de essencialidade. Então, eu gostaria que o vídeo fosse colocado neste momento.

(Exibição de vídeo.)

(Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Oficialmente nasceu o ICTDF para todos do Distrito Federal. Que legal! Vou poder falar para os meus netos: “Sabem esse T aí? Eu participei dele”. Legal, Valda! Parabéns a toda a equipe que fez essa animação. Ficou muito legal. Obrigado por vocês terem vindo para Brasília trazer esse serviço. Obrigado!

Concedo a palavra ao Diretor Técnico do Instituto do Coração, Dr. André Watanabe, que fará uma apresentação.

Fique à vontade. (Palmas.)

SR. ANDRÉ LUÍS WATANABE – Boa tarde a todos. Primeiramente, eu gostaria de cumprimentar o Presidente desta sessão, Deputado Jorge Viana; o Secretário de Saúde do Distrito Federal, Gal. Pafiadache; nossa superintendente, Valda César e todas as demais autoridades presentes aqui hoje. Agradeço pela oportunidade para falar do trabalho que nós realizamos no Instituto de Cardiologia e Transplantes do Distrito Federal.

Eu trouxe aqui uma pequena apresentação que eu gostaria que fosse projetada agora, por favor.

Como o principal objetivo desse hospital é o tratamento que ele oferece à população do Distrito Federal e do Entorno pelo Sistema Único de Saúde, nada melhor do que mostrar o que foi realizado nesses últimos dezessete anos. Esse hospital, inicialmente, foi concebido para oferecer tratamento de alta complexidade para as doenças do coração, tanto em adultos quanto em crianças. Depois ele se tornou, também, um centro de referência em transplante de órgãos pela carência, pela necessidade desse tipo de serviço aqui na nossa região.

Consegue projetar agora a apresentação, por favor?

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	14

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Só um minutinho. Pessoal da área técnica, ele precisa que a apresentação fique na frente dele no telão, porque ela está atrás dele. Assim, ele não terá que se virar. Enquanto o Dr. André estiver falando, o que aparecerá para o pessoal em casa? Ele falando ou a apresentação dos *slides*? Alguém sabe? Há duas telas e não sabemos qual delas será transmitida para o pessoal de casa. Será essa transmitida para o pessoal de casa? Acho que sim. Então, podemos prosseguir? Ele não aparecerá, somente a voz dele. *Ok*. Obrigado. Agora, nós temos uma televisão nova aqui na Câmara, é a 9.3, TV Câmara Distrital, aberta.

Concedo a palavra ao Sr. André Watanabe.

SR. ANDRÉ LUÍS WATANABE – Como eu estava dizendo, Deputado Jorge Viana, esse hospital foi, inicialmente, concebido para oferecer tratamento de alta complexidade para as doenças do coração, tanto em adultos quanto em crianças. Depois, por necessidade, por carência desse tipo de serviço na nossa região, ele virou também um centro multitransplantador, de transplante de diversos órgãos. Eu queria contar um pouco dessa história e voltar para 2012, quando eu comecei a trabalhar no hospital, e nos foi dada a oportunidade de montar o serviço de transplante de fígado.

Naquela época, eu me deparei com uma situação dramática. Essa situação, que ficou conhecida pela mídia, era a de uma jovem de 16 anos, moradora de Samambaia. Ela estava aguardando por um transplante de fígado havia 5 anos, em São Paulo. A doença do fígado acometeu também os pulmões. Essa jovem precisava ficar conectada a um cilindro de oxigênio 24 horas por dia.

Naquela época, ainda não se realizava esse tipo de cirurgia aqui no Distrito Federal. Aliás, não se realizava esse tipo de cirurgia em nenhum estado das Regiões Centro-Oeste e Norte do País. Então, os pacientes tinham que se deslocar para a Região Sul, para a Região Sudeste e para a Região Nordeste. Recebiam um auxílio do Governo do Distrito Federal, para se manterem lá até o término do tratamento. Então, essa jovem de 16 anos e sua mãe tiveram que largar a sua casa, o trabalho, a escola, a família e os outros filhos para conseguir o tratamento necessário.

Se vocês olharem o mapa do Brasil referente ao Registro Brasileiro de Transplantes de 2011, verão que todos os serviços de transplante de fígado estavam localizados na região litorânea do País. Todo esse vazio da Região Centro-Oeste e Norte do País, toda essa população não tinha acesso local a esse tipo de tratamento. Essa foi uma situação tão desesperadora que, à época, o padrasto dessa jovem – saiu no jornal – se acorrentou em frente à residência oficial do governador em Águas Claras, pedindo que a jovem realizasse o transplante aqui no Distrito Federal.

Em março de 2013, ela recebeu um fígado novo, no Instituto de Cardiologia, de um doador que a gente foi captar em João Pessoa, na Paraíba. A Dra. Daniela deve se lembrar bem disso, pois à época era coordenadora da central de transplantes. A paciente melhorou e recebeu alta do hospital. Poucos meses depois, não estava mais dependente de oxigênio, pôde retornar para a escola e faz acompanhamento conosco até hoje.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	15

Mas será que essa foi só uma história que deu certo ou realmente o trabalho desenvolvido no Instituto tem impacto na saúde da população do Distrito Federal? Eu queria mostrar que, de 2016 para cá, nos últimos cinco anos, o Instituto foi responsável por 85% das cirurgias cardíacas de adultos, por 90% dos cateterismos e por 74% das angioplastias realizadas pelo SUS no Distrito Federal. Quando a gente fala das crianças, General Pafiadache, de quem o senhor se lembrou bem, esses números são ainda mais significativos: 92% das cirurgias cardíacas pediátricas, 100% dos cateterismos e 98% das intervenções percutâneas foram realizados no nosso hospital. Quando a gente passa para os transplantes, isso fica ainda mais evidente. O Instituto é o único hospital a oferecer transplante de fígado e de coração pelo Sistema Único de Saúde. É o único para o transplante de medula óssea de adultos e é responsável por mais da metade dos transplantes de rim realizados no Distrito Federal.

Além disso, nós realizamos uma enorme quantidade de atendimentos ambulatoriais, internações, exames de imagem e exames de laboratório. Todos esses números que estou mostrando são números de atendimentos e procedimentos realizados pelo SUS.

Além dessa importância local – a Patrícia que está aqui conhece a nossa história –, o trabalho desenvolvido no Instituto também tem impacto nacional e colocou o Distrito Federal numa posição de destaque.

Segundo os dados do Registro Brasileiro de Transplante, de janeiro a junho deste ano, o Distrito Federal foi o estado que mais realizou transplantes de fígado e de coração por milhão de habitante, com uma grande vantagem em relação ao segundo colocado, como vocês podem ver. Está também em segundo lugar em número de transplantes de medula óssea e em terceiro de rim, por milhão habitante.

Então, quando a gente fala de saúde, quando a gente discute saúde, Gen. Pafiadache – o senhor sabe muito bem disso –, nós somos muito cobrados por número – número de atendimentos, número de cirurgias, número de leitos de UTI –, mas existe uma coisa que, principalmente no SUS, nós discutimos muito pouco. Será que esses atendimentos são de qualidade? Será que o resultado dessas cirurgias é semelhante ao dos hospitais privados? Será que nós estamos prestando um atendimento de qualidade a esse usuário do SUS, a essa população que precisa do Sistema Público de Saúde?

Isto também é uma preocupação constante na nossa instituição, Deputado: oferecer ao usuário do SUS um tratamento no estado da arte, com tecnologia de ponta, com resultado equivalente aos melhores serviços. Para isso, nós nos mantemos sempre vigilantes, tanto que publicamos, no início deste ano, numa revista internacional, o resultado dos nossos quinhentos transplantes de fígado e vimos que, ao final de um ano, 85% dos nossos pacientes estavam bem. Quando a gente olha a média nacional, que considera os hospitais públicos e os hospitais privados, a gente vê que ela é bem menor, ela é de 76%.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	16

Então, nós queremos também oferecer à nossa população um tratamento gratuito, um atendimento pelo SUS, mas um atendimento de melhor qualidade, um atendimento de ponta.

Para que tudo isso continue, para que esse trabalho possa continuar e crescer ainda mais, para que a gente possa oferecer mais tratamento de qualidade para essa população que necessita do sistema público de saúde, nós precisamos da ajuda de todos.

Nós precisamos, Gen. Pafiadache, dessa parceria, que é fundamental, com a Secretaria de Saúde, que mantém o hospital, que viabiliza esse atendimento pelo SUS. Nós precisamos, Deputados, também do apoio desta Casa, dos nossos representantes nesta Casa, para nos ajudarem a encontrarmos as soluções para as nossas dificuldades. Nós precisamos – acho que esta audiência tem esse sentido – do reconhecimento da população e da sociedade civil quanto à importância desse hospital para a saúde do Distrito Federal.

Eu queria finalizar mostrando este mosaico com a foto dos nossos pacientes transplantados no dia em que eles recebem alta do hospital para uma vida nova. Esse trabalho só se tornou realidade graças ao empenho e à dedicação dos nossos mais de mil colaboradores. O Instituto de Cardiologia e Transplantes do Distrito Federal é um patrimônio desta cidade e tem que permanecer cada vez mais forte, firme e com a ajuda e o reconhecimento de todos.

Muito obrigado. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Lembro que esses números que ele apresentou são números absolutos de atendimentos. Nós falamos anteriormente que, desses atendimentos, em média, 90% são SUS. Então, nós podemos dizer aqui claramente, afirmar que o instituto hoje trabalha para o SUS. Não podemos?

SR. ANDRÉ LUÍS WATANABE – Esses números são só do SUS. Todos esses que eu mostrei são do SUS.

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Olha aí, gente. Como não ajudar? Como não ajudar este instituto? Na verdade, este é o instituto que dá certo. Nós não podemos demonizar institutos. Este dá certo. Parabéns!

Eu quero a minha resposta do transplantado. Como falei aqui, eu vou quebrar a sequência para ouvir a Sra. Elaine, transplantada de coração. Está tudo bem? Está tudo tranquilo? Quer uma água, um café, um chá? Tente responder à pergunta que eu fiz.

Concedo a palavra à Sra. Elaine Cristina da Costa Gomes.

SRA. ELAINE CRISTINA DA COSTA GOMES – Já está aqui guardadinha.

Eu que agradeço. Boa tarde a todos, ao general – é um prazer revê-lo e conversar novamente com o senhor –, ao Deputado sempre presente e nos apoiando, a Valda que eu tive prazer de conhecer hoje. Hoje, eu estou tendo a oportunidade de

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	17

agradecer aos profissionais do ICDF em massa, porque eu sempre agradeci um aqui, outro ali, na medida em que a gente ia se cruzando nos corredores do hospital. Hoje há representantes de todas as áreas por que eu passei.

Agradeço todos vocês pelos mais de seis anos em que o instituto me assiste, que eu sou acompanhada por vocês, pelo transplante cardíaco que há seis anos vem sendo sucesso, graças a Deus e graças à equipe que me assiste. Mas, para que eu esteja aqui hoje contando isso para vocês, eu preciso voltar lá atrás. Eu vou tentar resumir um pouquinho a minha história porque ela é desde 2004, e não é fácil contar assim muito breve. Vou resumir o máximo que eu puder.

Em 2004, eu fui diagnosticada com a doença de Chagas. À época, eu tomei um susto, a princípio, mas não deixei o medo tomar conta de mim, porque eu sabia o que me esperava na frente com pais chagásicos também. Então, eu já tinha passado por tudo da vida deles e sabia o que estava me aguardando. Mais do que depressa, eu fui procurar um profissional para ser assistida, para poder amenizar a minha doença e tentar prolongar o quanto eu pudesse a minha vida. O meu filho tinha apenas dois anos na época.

E assim eu fiz: passei a ser assistida por um cardiologista daqui de Brasília. No decorrer dos anos de 2004 a 2014, quando eu passei a ser assistida pelo instituto, eu fiz implante de marca-passo, fiz estudos eletrofisiológicos para amenizar um pouco a minha arritmia e fui vivendo também um dia por vez. Eu tinha limitações. No início, eu estava normal, a minha vida era muito normal, eu estava dando conta das minhas tarefas diárias. Até me arrisquei a fazer uma faculdade, coisa que eu não tinha na época, e fiz o curso de Administração. Também estava cuidando de casa, cuidando do meu filho, mas houve uma época em que não tinha como a gente fugir dos sintomas. Uma hora eles iam aparecer e apareceram com força total.

No final da minha faculdade, a insuficiência cardíaca começou a dar os seus primeiros sinais. Foi quando a Elaine forte, resistente, começou a se sentir bem abalada. Eu não estava mais dando conta de fazer atividades corriqueiras dentro de casa, passei a ter alguns lapsos, passei a perder os sentidos algumas vezes. Foi quando o médico que me assistia à época conversou comigo a respeito de transplante. Foi a primeira vez que eu ouvi a palavra transplante diretamente para mim. Na hora, eu me assustei, mas, num piscar de olhos, eu pensei: bom, se a situação está ficando do jeito que está e ainda tenho essa chance de fazer um transplante, então, eu vou fazer de tudo para chegar até o transplante. Se é ele que vai esticar um pouco a minha vida, é dele que eu vou atrás.

E assim eu fiz: fui atrás de ser assistida pelo instituto e consegui. Mas antes da minha primeira consulta eu tive a minha primeira crise de insuficiência cardíaca. Precisei ficar hospitalizada cerca de dez, doze dias. Fiquei em um hospital que era assistido pelo serviço do meu esposo. Lá, como eu cheguei e não tinha tido nenhuma dessas crises, eles me viraram do avesso para saber o que eu tinha. Eles viram o diagnóstico e eu passei a tomar uma medicação para fortalecer o meu coração.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	18

Vou tentar ser breve. Na primeira consulta da equipe de insuficiência cardíaca, eles ajustaram a minha medicação e eu passei a ficar bem, tranquila. Eu passei o ano de 2014 todo bem. Quando foi no início de 2015, uma surpresa: fui diagnosticada com caquexia cardíaca. Foi aí que ficou pior para mim, porque eu me vi ficar muito mais fraca, eu me vi perder 18 quilos num piscar de olhos. Foi quando eu comecei a ter que ter ajuda das pessoas próximas a mim para tomar banho. Para ficar dentro de casa, eu tinha que ter alguém sempre me ajudando. Para buscar um copo com água para eu beber, alguém tinha de fazer isso para mim, porque eu não dava conta de andar dentro da minha própria casa. Eu não dava conta de pentear o meu cabelo.

Foi quando, no mês de agosto de 2015, o médico que me acompanhava falou para mim que havia chegado a minha hora e tinha que ser o transplante. Eu falei: então, fale-me do que é preciso para eu poder adiantar o quanto antes. Aí eu procurei a equipe dos transplantados, a equipe de enfermagem. Foi quando eles me deram a pequena lista do que eu precisava fazer para entrar em lista. E fui atrás de tudo de que precisava. Antes de entrar em lista, eu tive mais uma crise de insuficiência cardíaca, mas ela foi controlada com medicação. Não foi preciso eu ficar internada dessa vez.

Eu entrei em lista no dia 20 de outubro de 2015 e, dois dias depois, eu tive outra crise de insuficiência cardíaca. Dessa vez, eu fui para o instituto, porque, a partir do momento em que você entra em lista, você já está pelo SUS. Eu fui para lá, e eles não me deram mais alta. Eu aguardei meu órgão no instituto. Foram se passando os dias, e eu fui ficando agoniada. Aquela Elaine forte já estava quase entregando os pontos. Os dias iam se passando, e eu já em lista de prioridade. Os dias iam se passando, e nada de o órgão chegar.

Quando foi numa segunda-feira à noite, eu passei a noite toda acordada. Na terça-feira, quando o meu médico veio me visitar, eu virei para ele e falei: "Vamos ter uma conversa séria." Aí ele: "O que foi, Dona Elaine?" Eu falei: "Eu quero que o senhor assine a minha alta, eu quero ir para casa." Ele: "Mas, se eu lhe der alta, você sai da prioridade." "Não me importa, doutor." Naquele momento, naquela noite, eu senti que eu não passaria daquele dia. E eu pedi alta para ele, eu exigi que ele me desse alta porque eu queria terminar os meus dias com meu filho, com meu esposo e com meus irmãos. Foi quando ele se virou para mim e falou que não iria me dar alta porque o meu órgão estava a caminho.

Então, resumindo, tentei resumir ao máximo, tem muita história ainda, mas o que eu tenho a falar hoje da equipe do Instituto de Cardiologia e Transplante do Distrito Federal é o seguinte: quando a gente ultrapassa aquela porta da recepção, tudo que está aqui cai por terra. É um clichê falar: o instituto é minha segunda casa. Mas eu falo sim: o instituto é a minha segunda casa, porque lá eu me sinto segura, lá eu me sinto à vontade, lá eu me sinto acolhida.

E, respondendo a sua pergunta, Deputado: eu tenho seis anos de transplante. Estou perto dos dez anos, não é? (Risos.) Eu sei que o transplante não é a minha cura. Ele é um tratamento que, se for seguido à risca, ele tem sucesso. E é assim que eu

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	19

tento trilhar o meu caminho. Eu vivo um dia por vez e eu pretendo ultrapassar os dez anos, quem sabe vinte, trinta anos. Ele que sabe! Mas o meu hoje eu vivo, o amanhã eu deixo para amanhã.

Há um colega meu transplantado que está aqui entre nós que ultrapassou os dez anos. Hoje ele está com treze anos de transplante. Carlinhos, se você estiver aí, dê um oi. Está lá! Carlinhos tem treze anos de transplante. (Palmas.) Eu me espelho também nele e em um monte de outros colegas transplantados que têm mais de dez anos. Eu, de verdade, torço para que o instituto continue a nos abraçar, como sempre nos abraçou.

Por hoje, é isso. Se eu continuar falando, não vou dar espaço para as minhas outras colegas.

Obrigada. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Obrigado, Elaine.

(Manifestação na galeria.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Gente, eu falei alguma bobagem com relação aos dez anos?

(Intervenção fora do microfone.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Falei? (Pausa.) É porque me falaram que a média é dez anos, mas, lógico...

SRA. ELAINE CRISTINA DA COSTA GOMES – Mas eu escutei isso.

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Os médicos falam isso. Agora, eu queria que um médico falasse se falei alguma bobagem ou não, porque me falaram que a média... É lógico que tem tudo a ver com muita coisa, cada organismo é um organismo, se a média for essa. Eu fiquei arrasado quando eu soube disso, mas é Deus que sabe o nosso *timing*.

SRA. ELAINE CRISTINA DA COSTA GOMES – Deus é que sabe. Exatamente.

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Deus é que sabe.

Você falou uma coisa, e aí me lembrei de quando fui operar da coluna pela primeira vez. Eu sofria com problema de coluna a toda hora. Eu fiz de tudo, tudo! Até a benzedeira, fui. Eu cheguei ao médico, e ele foi bem categórico: "São quatro parafusos." Eu não acreditei. Eu pensei: "Ele quer ganhar dinheiro". No primeiro momento, a gente não quer concordar com o médico: "Não, tenho de ouvir outros médicos." Você sentiu isso também quando o médico falou que você tinha que fazer o transplante? "Não, ele está errado. Deve ser outro problema de saúde. Ele está pelo excesso."

SRA. ELAINE CRISTINA DA COSTA GOMES – Deputado, por incrível que pareça, quando me falaram que eu teria que fazer transplante, eu dei graças a Deus,

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	20

porque a situação em que eu me encontrava eu não estava mais aguentando. Então, se havia essa luz no fim do túnel, eu tinha mais é que correr em direção a ela.

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Eu saí do consultório chorando, achando que era mentira. Hoje, eu tenho seis parafusos. Botei mais dois agora. Eu vou botar o tanto que eu puder. Agora, eu quero colocar parafuso adoidado. Não quero é sentir dor.

Parabéns, colega! Deus a abençoe.

SRA. ELAINE CRISTINA DA COSTA GOMES – Amém! Obrigada.

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Está vendo aí, Deputado Guarda Janio? Viu só que testemunho?

(Intervenção fora do microfone.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Vamos seguir a sequência.

Passarei a palavra ao Sr. Chefe da Pediatria do Instituto Coração, Dr. Jorge Afione, que também vai apresentar um vídeo. Fique à vontade.

Eu tive uma conversa com o Dr. Jorge aqui na entrada, no ano passado. E eu gostei dele logo de cara. Ele já foi crítico, já falou qual era o erro, o que estava acontecendo. Foi quando ele me falou o valor de uma cirurgia, de um procedimento. Eu falei: “Não é possível que, por conta de tantos mil reais, uma pessoa não vai ter uma vida.” A partir daquele momento, eu comecei a querer colocar recurso. Até coloquei na época por conta daquela audiência que nós tivemos, daquela reunião remota. Então, parabéns!

Eu quero que todos que estão assistindo aqui e em casa saibam de alguns valores, Valda. Não sei se é ético falar isso, mas eu queria que vocês falassem o valor de uma cirurgia cardíaca no instituto e no hospital privado. É só para a gente fazer uma comparação e ver qual é a taxa de lucro de vocês. Acho que o povo quer saber, porque é dinheiro público. A gente quer saber se está mais caro ou se está mais barato, qual é o valor.

Concedo a palavra ao Dr. Jorge Afione.

SR. JORGE AFIONE – Boa tarde a todos. Eu agradeço a possibilidade de falar nesta audiência um pouco sobre a criança no cenário do Instituto de Cardiologia.

Diante de uma gestação e da espera de um filho – quem tem filho, acho, vai entender o que estou querendo dizer –, a única coisa que a gente sempre pede, independentemente do nível social, é saúde. Essa é a primeira coisa. Não há diferença de riqueza que mude isso, geografia, nada.

A nossa área lida exatamente com a morte da criança saudável. Ao descobrir que uma criança tem um defeito no coração, morre a criança saudável que todo mundo imaginou, e nasce um grande problema. Imagine o que é, para um pai ou para uma mãe, receber essa notícia durante a gestação. Imaginem o que é para um pai ou para

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	21

uma mãe ter essa notícia depois que o neném nasceu no hospital público e que se descobre isso lá quando a criança fica roxa, cansada e que ela precisa de um procedimento rápido e que, se isso não for feito, ela morrerá em horas ou em dias. Imaginem o desespero de um pai ou de uma mãe que se veem diante disso.

Esse hospital nasce em 2004. Deputado, o senhor hoje agradeceu esse hospital estar aqui. O senhor fez um comentário aqui: “Que bom que esse hospital veio para Brasília”. Para mim, talvez tenha sido o primeiro agradecimento público que eu tenha recebido ao longo desse tempo. Eu me sinto parte desse hospital, pois eu estou desde 2004. Em 2004, não era isso.

Em 2005, olhem lá, 15 de agosto de 2005, o Conselho de Saúde ainda não tinha praticamente aprovado o atendimento SUS desse hospital. Havia preconceito contra essa instituição, que o senhor também demonstrou ter tido um pouco. Preconceito contra uma instituição que veio de outro estado – e veio, sim, de São Paulo para cá, trazida para cá –, mas que veio com o objetivo genuíno de atender o público. Mas nós, com o nosso preconceito, nós achávamos que não: veio para roubar os pacientes privados, veio para disputar com a medicina de Brasília. E isso tudo aconteceu aqui em Brasília. Preconceito contra uma instituição. E quem pagou o preço desse preconceito? A população, que já tinha, na época, talvez, um hospital pronto para atendê-la. Esse é um jornal. Então, é um retrato daquela época.

Em 2005, depois de muita batalha para que esse hospital pudesse atender o SUS, que era o objetivo, essa reportagem sai em dezembro com essa criança do SUS atendida em Brasília. Em 2005, um primeiro caso praticamente nacional, de uso de coração e pulmão artificial em criança. Hoje se fala em Oxigenação por Membrana Extracorpórea — ECMO em adulto com a Covid. Em 2005, esse hospital já fez isso com criança! Nunca tinha sido feito isso. Praticamente o Instituto do Coração — INCOR de São Paulo tinha usado em dois casos. Então, esse programa é inovação para o SUS, para o paciente público.

Em 2009, olhem a data: 25 de dezembro, Natal. Primeiro transplante cardíaco pediátrico no SUS em Brasília. Primeiro transplante de órgão sólido de criança em Brasília. Esse hospital fez pelo SUS. Quantos hospitais, naquela época, faziam transplante no País? O André mostrou um gráfico, André, que ainda aquilo para mim era muito bom para criança. Em criança, nós tínhamos São Paulo, Fortaleza, Porto Alegre, só. E aí o instituto traz isso para criança pública de Brasília. Mas, em 2020, é este o instituto de novo nos jornais: “Criança morre esperando cirurgia. Não há vaga no ICDF.”

Esse é o resumo da luta deste instituto para atender bem a criança que tem problema cardíaco. Ou seja, existem condições para ser dado um bom atendimento. É possível fazermos isso, mas temos que unir esforços, deixar de lado o preconceito, buscar realmente a eficiência e a efetividade dos serviços, cobrar resultados, aplicar bem os recursos para que possamos, de fato, cuidar bem de cada criança.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	22

Mandela dizia uma coisa. A forma como ele encarava a qualidade de um povo era como se cuidava dos seus enfermos e de suas crianças. E é isto que esse hospital faz: ele tenta cuidar bem de quem tem problema, de criança que tem problema nessa área que, do ponto de vista nacional, possui uma grande carência.

O instituto tem a oportunidade, hoje, de fazer parte da rede pública de atendimento às crianças que têm problema cardíaco. Nosso foco sempre foi esse binômio: mãe/filho. Eu estou usando o termo mãe, mas pode ser pãe, pode ser tudo, mas é isto aqui. O foco neste momento que a gente está vendo nesta foto é o motivo do nosso empenho e do das pessoas que estão nesse hospital até hoje, apesar de todas as dificuldades.

Eu queria só projetar esse vídeo que está no *slide*. É sobre uma criança que foi atendida por nós, quando tinha um ano e meio: transplantada do coração.

(Exibição de vídeo.)

(Palmas.)

SR. JORGE AFIONE – Eu termino, então, deixando uma mensagem de otimismo: o senhor está errado com os 10 anos. Isso não é uma verdade, não é uma verdade. Vamos tomar cuidado com as estatísticas, com os números. Eu peço às pessoas que tomem cuidado com os números, porque, quando a gente tem 99% de chance de morrer e 1% de viver, nós vamos nos apegar a esse 1%.

Então, eu acho que a gente deveria viver como essa mãe: um dia após o outro. Às vezes, em um dia, a gente marca a nossa passagem pela Terra, e há pessoas que passam cem anos e não marcam. Em termos de criança com transplante, imaginem esses números para uma mãe de uma criança de 1 ano! Dez anos? Não, essa medida tempo não existe aqui. Existe a qualidade da nossa vida, cada instante que a gente vive com um filho, com uma pessoa do nosso lado... não percam tempo em não nos amarmos mais, em não nos olharmos mais e agradecer de estarmos bem até hoje. Quanto isso vai durar? Isso cabe a alguém fora daqui definir, e eu espero que, no tempo que a gente tiver aqui, a gente faça o bem.

Eu espero, de fato, reforçando o pedido do André, que a Câmara Legislativa possa confiar no instituto, no sentido de aplicar bem recursos com essas pessoas no foco, entre todos nós. E podem cobrar, porque acredito que a gente vai continuar fazendo isso.

Muito obrigado a todos. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Dr. Jorge, eu acho que nunca fiquei tão feliz em ser, digamos assim, desmentido, contestado. Que bom, porque isso me deu uma aflição, e eu disse: nesta audiência, a primeira pergunta que vou fazer será essa. Porque, quando eu soube da estatística, eu pensei: não é possível. Como é que a pessoa vai viver achando que vai ficar só mais tantos anos. Graças a Deus, que estamos errados. Graças a Deus que a medicina está errada nesse ponto, não há limite. Que bom. Nosso amigo, de 13 anos, aqui presente, é a prova. Está tudo bem?

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	23

O coração? Namorando bem, jogando bola, tudo certo? Então, essa teoria caiu por terra, não são dez anos, não, agora são cem anos.

Peço às senhoras e aos senhores que se atenham ao tempo, porque temos um evento às 19h. Está tão bom aqui que a gente poderia ficar até à noite, mas a gente vai ter que dar uma acelerada.

Nosso próximo orador veio de fora e está com horário de viagem marcada para retorno, ele é o Superintendente da Fundação Universitária de Cardiologia do Rio Grande do Sul, Dr. Rogério Dalfollo Pires. Fique à vontade, obrigado por ter vindo.

Concedo a palavra ao Dr. Rogério Dalfollo Pires.

SR. ROGÉRIO DALFOLLO PIRES – Eu que agradeço, Deputado Jorge Vianna, General Pafiadache, Valda, outros Deputados aqui presentes, autoridades, servidores do Instituto de Cardiologia do Distrito Federal.

Primeiro, Deputado, eu quero fazer duas coisas, muito rapidamente, falando em nome da Fundação Universitária de Cardiologia do Estado do Rio Grande do Sul, que tem 53 anos. Pequenas informações: dedica 86% dos seus atendimentos e internações para o Sistema Único de Saúde; 90% dos atendimentos de ambulatório da Fundação são feitos para o Sistema Único de Saúde; gerimos 4 hospitais, com 1000 leitos e 4.700 funcionários, em todos eles, enfrentamos dificuldades muito grandes, muitas vezes, mas o nosso orgulho é superá-las, e é o que nós estamos vendo aqui.

Eu queria lhe fazer um pedido, de uma audiência, na próxima vez em que eu vier de Porto Alegre, porque eu preciso lhe contar um pouco da história da Fundação Universitária de Cardiologia com o Sistema Único de Saúde. É uma história bonita, que nos orgulha profundamente.

Segundo, quero dar uma informação para a senhora que falou em transplante: o transplantado mais antigo do Instituto de Cardiologia do Rio Grande do Sul já está com o transplante faz trinta anos e funcionando muito bem. (Palmas.)

Então, isso é uma leitura de vida que eu queria resumir, porque eu sou capaz de perder o voo. Deus sabe dos destinos das pessoas e das instituições, mas os homens de bem ajudam. Então, eu conto com a ajuda já, muito forte, do General Pafiadache para a fundação e conto com a sua ajuda e o seu conhecimento profundo sobre quais são as realizações dessa instituição que está aqui há catorze anos prestando serviço à população de Brasília com um corpo funcional altamente qualificado, humanizado e que tanto nos orgulha. Não é de graça que eu e o Gustavo fomos nos sentar lá em cima, porque é lá o nosso lugar.

Muito obrigado. Desculpe a rapidez. Sucesso. E gostaria de contar muito com o acolhimento desta comissão e o seu apoio para essa instituição, que tem um peso fundamental na população, não só de Brasília, mas de todo o Centro-Oeste brasileiro.

Muito obrigado e desculpe a nossa saída, porque o avião não nos espera. Obrigado e até logo. (Palmas.)

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	24

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Obrigado, Dr. Rogério.

Será um prazer conhecer a fundação, a universidade. Humildade é tudo. O cara estava lá do outro lado. O cara é um professor da área. A importância desse homem no mundo da cardiologia! Que bom! Mais uma vez: trinta anos! Então, eu não vou mais falar nesse negócio de dez anos porque isso é mito. Ainda bem que a gente acabou com esse mito aqui agora.

Neste momento, passo a palavra para a Coordenadora-Geral de Atenção Especializada do Ministério da Saúde, a Dra. Ana Patrícia de Paula.

Dra. Ana, seja bem-vinda! Muito obrigado por ter vindo. O Ministério da Saúde é importantíssimo para esta discussão.

SRA. ANA PATRÍCIA DE PAULA – Agradecemos o convite. Cumprimos o Deputado por esta iniciativa, cumprimos o General Pafiadache, a Superintendente Valda e todos os presentes.

O Ministério reconhece a importância do trabalho do antigo ICDF e, atualmente, ICTDF. São duas áreas de alta complexidade, extremamente necessárias para o atendimento à população. E, dentro da cardiologia de alta complexidade, eu queria ressaltar que, pelos dados que o Ministério da Saúde tem, nos últimos quatro anos, o ICDF fez 7 mil procedimentos cirúrgicos de alta complexidade em cardiologia. Esse é um número alto frente ao que a gente precisa e é necessário para a assistência à população, não só do DF, como bem ficou dito aqui.

E queria enfatizar ainda que o Ministério da Saúde fez um convite à época ao General Pafiadache para que o ICDF participasse do Programa Nacional da Rede de Saúde Cardiovascular Especializada, que tem o foco inicial hoje em cardiopatia congênita. E nós estamos muito felizes por vocês estarem participando e também por terem aceitado esse convite. Eu acho que com isso a gente tem o objetivo de melhorar a assistência à linha de cuidado da criança com cardiopatia congênita.

No Distrito Federal, a gente sabe que é completamente dependente do ICDF para essa questão. E, reconhecendo o papel do ICTDF, ele vai além do Distrito Federal. E o Ministério vai precisar que ele também acolha as crianças via CNRAC – Central Nacional de Regulação da Alta Complexidade de outras regiões do País.

Parabéns, Valda, pelo trabalho que você tem desenvolvido. Parabéns à equipe, parabéns pelo estímulo e parabéns pela competência de todos. Obrigada. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Muito obrigado, doutora.

Hoje eu vim querendo ouvir algumas pessoas, como a Joseane, da captação de órgãos. Eu conheci esse serviço no Hospital de Base. Na época, eu ouvi algumas coisas, mas mudou tudo. Eu queria saber como é que está, hoje, a captação de órgãos. Inclusive, eu conversei com o Corpo de Bombeiros sobre isso, íamos até fazer uma emenda para conseguir comprar uma aeronave para que pudesse fazer captação de órgãos. O Ministério da Saúde pode ajudar muito nisso, porque eu achei estranho, na época, o comando do Corpo de Bombeiros dizer que o Ministério da Saúde não repassa

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	25

recursos para captação de órgãos ao Corpo de Bombeiros, porque ele já tem um fundo e não pode haver duplicidade. Mas isso é outra história, que temos que resolver no futuro para melhorar mais ainda o serviço, porque não adianta termos os médicos, a equipe toda esperando para fazer o transplante, e essa captação não ser tão eficiente.

Depois você fala, está bom? Só deixei aqui no ar.

Eu queria passar a palavra aqui para o Dr. Volnei Vilela. O senhor pode falar daí ou daqui. Fique à vontade.

Obrigado pela presença.

SR. VOLNEI VILELA – Boa tarde. Obrigado pela oportunidade, Deputado. Obrigado pela presença, Secretário, e obrigado, Dra. Valda.

Meu nome é Volnei, eu sou responsável técnico pelo serviço de transplante de medula óssea do ICTDF – Instituto do Coração e Transplantes do Distrito Federal. Para mim, é uma honra poder falar aqui a experiência que temos no nosso centro, na nossa instituição.

Primeiramente, o ICTDF é atualmente a única instituição que realiza pelo SUS e é credenciada pelo Ministério da Saúde a fazer transplantes de todas as modalidades, desde transplante autólogo, que é aquele transplante que fazemos da mesma pessoa, a transplantes alogênicos, aparentados, não aparentados, transplantes haploidênticos, que são transplantes de maior complexidade, e transplantes de cordão, que usam como fonte células de cordão umbilical.

Temos uma equipe técnica preparada para isso, temos *expertise* para isso, uma equipe multidisciplinar absolutamente treinada para fazer todos os tipos de transplante. Isso nos orgulha bastante.

Temos prestado um serviço para a população, tanto do DF, quanto de outras regiões e estados. Vimos fazendo esses transplantes no Distrito Federal e, desde que assumimos a nova equipe do ICTDF, fizemos mais de 120 transplantes entre transplantes autólogos e alogênicos. E é muito importante ressaltar, como o André falou, que nos preocupamos muito com a qualidade do serviço que está sendo prestado para esse paciente.

Nas nossas estatísticas, colocando na curva de sobrevivência, os nossos dados de transplantes alogênicos de medula óssea são comparáveis aos melhores centros do mundo! Não do Brasil, do mundo! A gente se orgulha muito disso.

Temos feito um trabalho excelente e exponencial para a população de Brasília e ademais temos a oportunidade de pedir, de solicitar o credenciamento da nossa instituição para formar profissionais para atuar nessa área de transplante de medula óssea. Em breve, vamos pedir o credenciamento para residência de TMO – Transplante de Medula Óssea, o que vai ajudar a preparar mais profissionais para que, no futuro, mais pessoas tenham acesso a essa modalidade terapêutica.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	26

É muito importante ressaltar que o transplante de medula óssea... Quando temos os tratamentos convencionais que não dão certo em medicina, tanto em neoplasias hematológicas, quanto não hematológicas, temos o transplante de medula óssea tanto autólogo quanto alogênico como a única modalidade curativa para aquele paciente. É o caso daquele paciente que tem uma leucemia, um linfoma, um mieloma e que, se você não fizer um transplante de medula óssea, sua sobrevivência é muito curta. Em se fazendo um transplante de medula óssea, ele pode sair de uma sobrevivência muito curta a uma cura. Esse é o diferencial em poder ofertar esse tratamento, porque o transplante de medula óssea, diferentemente do de outros órgãos, não tem uma fila de espera, temos uma fila de espera para leito, porque doador temos, tanto um doador aparentado quanto um no banco de doadores de medula óssea, no Registro Nacional de Doadores Voluntários de Medula Óssea – REDOME, no Registro Nacional de Receptores de Medula Óssea – REREME. A gente cadastra esse paciente, e não vai faltar uma fonte celular para a gente fazer o transplante.

Então, a falta que faz é um leito para esse paciente deitar e poder fazer o procedimento dele para eventualmente ficar curado de uma doença que poderia matá-lo em menos de 6 meses.

Obrigado. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Obrigado, Dr. Volnei Vilela.

Pessoal, vamos ser justos. Eu falei ainda agora que a Secretaria de Saúde não está executando, não executou ainda a emenda do ICTDF, mas o que consta também é que parece que não está havendo o código, o programa específico para a execução. A informação que chegou aqui é que não existe um código específico para a execução da emenda.

Então, qual o meu problema? Eu coloquei uma emenda de oitocentos e poucos mil para comprar motolância no Samu. Eles fizeram o pregão, só que foi frustrado, porque o valor da moto aumentou demais, por isso a gente não vai comprar moto com esse dinheiro. Foi frustração por conta da licitação, não foi culpa da secretaria, não foi culpa de ninguém. Foram os valores. Vamos ter que realocar esse dinheiro para comprar outra coisa. Isso acontece. Eu ainda sou beneficiado, porque, das minhas emendas parlamentares, como eu falei, 80% foram para a saúde e, dessas que foram para a saúde, 80% foram executadas, mostrando que a Secretaria de Saúde as está executando.

O que falta, às vezes, é isto: esse programa de trabalho para casar, porque, quando a pessoa chega ao gabinete e diz assim: "Deputado, eu preciso fazer alguma coisa no hospital e tal". A gente fica tão empolgado: "Não, vamos mandar o recurso". Se não houver o programa de trabalho, não adianta.

Recentemente eu estive conversando com uma pneumologista do HRAN – Hospital Regional da Asa Norte, que falou da dificuldade. Eu quero mandar o recurso para lá, estou com o dinheiro para mandar para lá, mas, se não houver algum programa, não se executa.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	27

E o que eu preciso que acho que deveríamos ter? A Secretaria de Saúde em geral. O PDPAS – Programa de Descentralização Progressiva de Ações da Saúde por exemplo. Vamos desburocratizar isso. É muita burocracia, às vezes, para criar um programa, para criar alguma coisa, para poder comprar. É muita burocracia, General.

Eu não sei se a gente pode fazer essa mudança através de decreto do governador, não sei, mas tinha que se mudar isso para poder ser uma coisa mais célere. A gente não pode usar a mesma legislação para contratar uma empresa para fazer um asfalto com o mesmo *timing* para contratar uma empresa para comprar um remédio, para comprar um equipamento. Não pode ser! Dois pesos e duas medidas. A saúde tem que ser mais rápida! Afinal de contas, se o cara ficar com um buraco na pista, vai ficar só com um buraco, mas, se ficar sem o remédio, morre. A gente não pode usar a Lei nº 8.666 – que é a Lei de Licitação – para a saúde. Alguém tem que fazer algo para mudar essas coisas e poder acelerar.

De qualquer forma, vamos ver se resolvemos esse problema para a execução da emenda ainda este ano para que não percamos esse dinheiro. E, se não houver condições, a gente manda o ano que vem de novo. Enquanto eu estiver aqui, eu vou mandar dinheiro para o instituto. Só lembrando: no dia 19 de novembro, deste mês, nós encaminhamos para o instituto cerca de 29 milhões. Não está na conta ainda, não é? Mas vai chegar. Vinte e nove milhões para o instituto. (Palmas.) Esta Casa aprovou o remanejamento do recurso, através do secretário que esteve aqui. Aquele dia, a gente brigou para caramba. Briguei para caramba para mandar o dinheiro para o instituto. Enfim, foi aprovado, e vai chegar o dinheiro para vocês lá e façam um bom proveito desse recurso.

Falando em recurso, eu recebi os dados aqui, pessoal, pasmem: um transplante de medula no privado, a média é de 155 mil reais; o instituto tem um contrato com a Secretaria de Saúde que paga 25 mil reais. Um transplante de fígado, média de 230 mil reais no privado; no instituto, 114 mil. Transplante de rim, 71 mil no hospital privado e, no instituto, 45 mil. E quanto ao transplante cardíaco, não há referência no privado; no instituto, 61 mil.

Esse é um contrato de 2016. E esses valores – com certeza essa era uma das reclamações dos antigos diretores do instituto – não estavam conseguindo manter, fazer equacionar os recursos e a despesa com esses valores.

Está na hora de a gente rever essa tabela baseado no que seja justo. Aqui ninguém está querendo pagar, superfaturar qualquer coisa. Ainda mais que nós estamos de olho. Mas que seja justo, porque, senão, daqui a pouco, fecha as portas. E a gente não pode deixar fechar nunca mais esse instituto aqui em Brasília. (Palmas.)

Há mais médicos para falar aqui, mas eu quero passar a palavra, em especial, à minha amiga, a enfermeira Carminha. Eu acho que já fizeram uns quinze transplantes nela porque ela não deve ter só um coração, não; ela deve ter uns quinze aí dentro.

Concedo a palavra à enfermeira Carminha.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	28

SRA. CARMINHA – Boa tarde a todos. Meu nome é Carminha, e eu sou enfermeira assistencial do Instituto de Cardiologia, agora Instituto de Cardiologia e Transplante. O instituto é a minha segunda casa, eu tenho uma relação de amor com o instituto, eu sou apaixonada pelo trabalho que o instituto faz, apaixonada pelo trabalho que a equipe do instituto faz, eu sou apaixonada pelos nossos pacientes.

Eu trabalho na UTI Recuperação, e o Dr. Vitor é meu chefe, com o maior orgulho. A gente vê milagres, a gente vê todo dia pessoas saírem para casa de alta e feliz. A gente recebe todo dia quatro, cinco cirurgias, quatro, cinco POI – Pós-Operatório Imediato, por dia. Aqui no Distrito Federal, eu já trabalhei em vários hospitais e eu nunca vi isso. Então, a gente trabalha com amor, com dedicação, com respeito.

Nós somos um hospital em cardiologia de alta complexidade. Nós temos mão de obra qualificada, nós temos tecnologia, nós temos leito, nós temos um hospital pronto.

A gente costuma falar que a gente está no mesmo barco. Eu vejo que esse barco está constituído dos colaboradores que hoje estão aqui representando os mil colaboradores do Instituto de Cardiologia e Transplante. Esse barco é constituído desses colaboradores e desses pacientes.

Estou aqui nesta Casa hoje convidando todos vocês que estão aqui e o pessoal que trabalha nesta Casa para entrar nesse barco conosco e remarmos juntos porque precisamos remar juntos, precisamos de recursos e precisamos do apoio de vocês.

Eu vou ler uma frase aqui para finalizar. Eu vou ser bem rápida. Como eu já falei, o instituto é minha segunda casa, foi o que eu escolhi para a minha vida profissional. Eu tenho orgulho de trabalhar lá, eu tenho orgulho de fazer parte dessa equipe. A frase que eu quero ler é da nova logo: "Pensar globalmente é agir localmente para que ninguém seja deixado para trás". Então, gente, não vamos deixar ninguém para trás. Esses pacientes precisam, nós queremos continuar com o nosso trabalho, estamos aqui para isso, temos lutado e vamos continuar lutando.

Muito obrigada.

Eu gostaria de agradecer imensamente ao Jorge. Ele sabe o quanto eu acompanho o trabalho dele e quanto eu estou feliz em estar ao seu lado.

Obrigada sempre!

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Valeu. Essa menina é pequena no tamanho, mas gigante. Passa mensagem todo dia. Gente fina demais.

Eu recebi umas mensagens porque o pessoal do ICTDF que está assistindo a esta comissão nos questionou dizendo que estava tendo problema de pagamento de férias, mas a Valda César acabou de confirmar que foi mandado fazer o pagamento hoje. Então, quem do ICTDF está assistindo a nós, o pagamento das férias já vai ser efetuado. Que bom. É bom que aqui é ao vivo, meu amigo. A pergunta veio, e eu faço mesmo.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	29

Eu quero ler uma saudação que a Deputada Arlete Sampaio deixou: “Deputado Jorge Vianna, quero, no momento em que se realiza uma comissão geral para debater sobre a situação do Instituto de Cardiologia do Distrito Federal, manter minha posição diante da impossibilidade de permanência na sessão. Reitero meu apoio integral ao instituto, coloco o meu mandato à disposição para contribuir em gestões sem interesse. Manifesto o meu desejo de que se estabeleça uma relação positiva e profícua entre o ICTDF e a SESDF para o bem de toda a população. Atenciosamente, Deputada Arlete Sampaio.” (Palmas.)

Desculpe-me, Deputada Arlete Sampaio. É porque V.Exa. escreveu à caneta.

General Pafiadache, o senhor tem um compromisso agora, às 17h45min. Então, o senhor fique à vontade se quiser fazer alguma intervenção para falar alguma coisa. Depois de tudo o que o senhor está ouvindo, fique à vontade.

Vamos passar a palavra à médica, Dra. Helen.

Dra. Helen, fique à vontade. Muito obrigado por ter vindo. (Palmas.)

SRA. HELEN SIQUEIRA– Boa tarde a todos. É com muita gratidão e com o coração pulando de alegria que eu estou aqui. Eu queria muito agradecer ao Deputado Jorge Vianna, ao General Pafiadache e à Valda por toda a consideração, por me incluir, já que eu me sinto, mesmo, parte do ICTDF. Quando alguém me olha, já fala: “A Helen do ICDF”.

Eu venho aqui, gente, com todo o meu amor. Quem me conhece sabe o quanto eu sou apaixonada pelo transplante e o quanto eu sou apaixonada pelo Instituto de Cardiologia e Transplantes do Distrito Federal. Eu tenho uma trajetória toda pautada nessa instituição e eu vim para Brasília para ser dessa instituição. Ela, realmente, incorporou em mim, nela eu criei raiz. Ela corre nas minhas veias. Tudo o que eu faço na minha vida, eu faço muito focada no ICTDF.

Eu venho com muita gratidão, com muita satisfação aqui fazer este depoimento, fazer esta fala para defender o ICTDF e mostrar o quanto essa instituição é importante para o SUS, mas antes eu queria contextualizar.

Até agora, a gente falou muito. O André falou em geral e do transplante hepático, o Dr. Jorge e muitos outros já falaram em relação à cirurgia cardíaca e à doença cardiovascular, mas nós ainda não falamos de uma doença silenciosa, impactante, que causa alta mortalidade e que cresce exponencialmente a cada ano, que é a doença renal crônica. É um mal do mundo, é um mal do Brasil e não poderia ser diferente no DF.

Nós temos, de acordo com o último censo da SBN – Sociedade Brasileira de Nefrologia, 130 mil pessoas precisando de um suporte dialítico, sujeitas a alta mortalidade. Cerca de 20% dessas pessoas morrem sem ter a possibilidade de mudar o seu tratamento e ter uma melhor qualidade de vida. Só quem é renal crônico terminal – a Gabi, a Tainá, que estão me olhando aqui na frente – sabe o que é ter essa doença.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	30

Eu não consigo expressar, eu não sou renal crônica. Eu nunca me privei de um copo d'água, eu nunca deixei de tomar leite, eu nunca quis comer um pedaço de queijo e não pude, eu nunca deixei de comer carne. Essas pessoas vivem em restrição o tempo inteiro, não podem viajar, não podem ficar com suas famílias. "Virá o Natal. Eu vou poder ir ao Nordeste?" Não. Você está preso na diálise. Você tem toda uma rotina que, se você não fizer, você morre.

E o transplante renal é a única, é a melhor alternativa de tratamento para esses pacientes. Nós sabemos o impacto que o transplante renal faz na mortalidade. Não é só permitir ao paciente comer, beber, ter uma vida digna. Tainazinha está aqui para estudar na escola, ir à escola com os colegas para aprender, gente. Como é que se aprende com a ureia alta e com anemia? Ninguém sabe o que é isso, ninguém experimenta isso, a não ser eles. E falam: "Doutora, é muito difícil".

Outro dia, eu escutei: "Doutora, eu estou gordinha. Como é que eu faço para perder peso? Eu sou renal crônica, dialítica. Eu não consigo. Eu preciso beber água e comer muita proteína, mas eu não posso. Fazer atividade física eu não consigo, eu sou anêmica". É muito difícil. O Instituto de Cardiologia e Transplantes do DF tem proporcionado e tem ajudado muitas pessoas nesse sentido.

Quando eu vim para cá, eu escutava o seguinte: "Transplante renal nós já temos na cidade. Vai ser um incremento. O instituto será de multiórgãos. Mas, não! Nós viramos protagonistas até do transplante renal frente a grandes instituições. Por problemas do SUS e por problemas dessas instituições, abraçamos listas, e houve momentos em que chegamos a ser o único centro que transplantava rim no DF.

Fizemos com muita excelência, porque não adianta só ter números. Nós já fizemos 312 transplantes, vivos e falecidos, mas adianta só volume? São volumes, como o André falou, excelentes! Conseguimos sobrevida maior que 90%; boas taxas de creatinina, que é um exame que mostra a função do órgão, de 1, após cinco anos. São resultados excelentes! Somado a isso, temos um pós-operatório impecável, com pouca complicação pós-operatória. Há duas transplantadas aqui que não me deixam mentir. Alta rápida: nossa média de internação é de sete dias.

A maioria dos programas tem muita dificuldade, mas nós temos uma equipe engajada, nós queremos fazer o melhor, e isso é uma coisa que contamina. Deputado, V.Exa. mesmo falou que, quando começou a conhecer, começou a gostar. É desse jeito! É contaminante! É uma doença ser do instituto e querer fazer o melhor. É todo mundo muito engajado. Pode até entrar pensando que vai ter um salário, que vai ganhar com isso, mas, no final, você nem está lembrando disso, você está com um propósito na cabeça: você quer transplantar, você quer fazer o melhor, você quer dar a melhor alta e a melhor orientação.

Eu não poderia deixar de lembrar a nossa equipe multidisciplinar, nossos enfermeiros, que são o nosso braço direito: o Tiago, a Carol, o Rafael, todo mundo da equipe multidisciplinar que nos apoia. Esse programa e todos os programas do ICTDF são de excelência por causa disso. Não são só médicos brilhantes – temos grande

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	31

nomes – são enfermeiros maravilhosos, uma equipe multi e altamente capacitada, e isso eu vivi na pele nesses últimos oito anos.

Além disso, nós começamos o programa, começamos devagar e, de repente, começamos a abraçar o DF na lista, e houve uma migração de lista para nós. Hoje somos a instituição que mais tem pacientes listados do SUS no DF. Estamos com 260 pessoas em lista de espera para transplante renal, já tendo feito 312 transplantes renais nesse período.

Pela complexidade que tem essa instituição, não havia como a nefrologia e o transplante não seguirem em frente; não havia como não tocar e não acompanhar. Nós fizemos, nesse período, algo que é impactante para o Brasil e que faz frente à comunidade internacional: foram quatro transplantes simultâneos de coração e rim. Tínhamos um receptor que tinha problema cardíaco e renal, há muitos anos. Ele faria o transplante de coração e ficaria preso na diálise, podendo morrer na diálise, mas ele fez o transplante simultâneo. São quatro com resultados excelentes! Sete transplantes de fígado e rim, também, com resultados excelentes!

Faço outra consideração, já que a Tainá vai falar aqui – é meu orgulho essa menininha –, com relação aos transplantes de adolescentes de 12 anos, 30 kg, no DF, só é feito por nós o transplante renal. O pediátrico ainda não conseguimos contemplar aqui, no DF, pois temos alguns outros problemas, por conta da diálise, que não conseguimos contemplar. Mas, transplante de adolescente só somos nós. São 38 adolescentes, 38 vagas de diálise liberadas, 38 adolescentes liberados para estudar, ficar com a família, ser adolescente, assistir a filmes, ir à balada, ter uma vida digna. Isso é muito impactante, isso a gente tem de considerar.

É muito emocionante, para mim, estar aqui. Encerro a minha fala, dizendo que a instituição ICTDF me fez a Dra. Helen. Eu sou uma nefrologista, vim da Paulista, sou mineira. Tenho uma personalidade um pouco forte – as pessoas me conhecem. Sempre quis fazer o melhor, mas sou a Dra. Helen, porque sou do ICDF. Lutei por esse hospital, e esse hospital me deu retorno. Não é só crescimento profissional; não é só estar entre os melhores, porque, quando você está entre os melhores, você também fica melhor, não é? É poder ver, gente, o sorriso no rosto, as famílias felizes! Cada gota de urina importa para nós. Cada copo d'água liberado é maravilhoso. Cada criança, adolescente, cada um de vocês, que pôde retornar à vida de vocês, a Gaby, aqui, na minha frente, é uma mulher linda, que está aqui, retomando a vida, isso é muito importante!

Encerro falando que aprendi muito a ser humana nesses últimos anos. Não sou só uma nefrologista, uma pessoa que toca o transplante. Sou mais humana. Tenho mais empatia. Encerro aqui falando uma frase do Carl Jung. Ele fala: "Domine as teorias, conheça todas as técnicas, mas, quando tocar uma alma humana, seja outra alma humana. Seja apenas humana."

Muito obrigada. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Obrigada, Helen.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	32

(Manifestação na galeria.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Não é preciso tirar a máscara para saber que você está sorrindo. Não preciso ver sua boca para saber que você está sorrindo. O olho chega a virar olho de japonês!

Está tudo bem? Consegue falar?

SRA. TAINÁ RODRIGUES VASCONCELOS – Sim.

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Está ansiosa para falar?

SRA. TAINÁ RODRIGUES VASCONCELOS – Um pouco. (Risos.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Já falou, assim, para Deputados e tal?

SRA. TAINÁ RODRIGUES VASCONCELOS – Não.

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Eu nem pareço Deputado, não é? Eu pareço mais Papai Noel do que Deputado.

Qual categoria está aí em cima? Há técnicos de enfermagem? Enfermeiros? Há alguém da higiene, da limpeza? Há algum porteiro aí? Recepcionista? Administrativo? Estão aí? (Palmas.)

A gente está falando aqui, pessoal, mais de médicos e tal, mas isto aqui estendo a todos os trabalhadores. Todos! Desde a colega ali, da higiene, da recepção, até o médico-cirurgião, todos fizeram com que esse instituto seja isso, fazem com que ele seja isso. Sintam-se contemplados. Parabenizo-os também pelo grande trabalho.

Então, Tainá, quer falar?

SRA. TAINÁ RODRIGUES VASCONCELOS – Pode ser. (Risos.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Fale, que eu estou doído para ouvi-la. Você tem quantos anos?

SRA. TAINÁ RODRIGUES VASCONCELOS – Dezesseis.

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Dezesseis anos? Você tem cara de quatorze, viu? Uns treze, talvez. Fale para a gente como é que é a vida do transplantado.

Concedo a palavra à Tainá Rodrigues Vasconcelos.

SRA. TAINÁ RODRIGUES VASCONCELOS – Então... A gente tem outra qualidade de vida, não é? Eu, particularmente, não podia fazer nada, fazendo hemodiálise. Quando transplantei, pude fazer coisas que, antes, eu não fazia, que eu não tinha condições.

Vou ler aqui um negócio que eu escrevi:

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	33

Boa tarde, Srs. e Sras. Deputados; Sr. Secretário de Saúde. Meu nome é Tainá. Tenho 16 anos. Irei contar um pouco da minha história e da minha relação com o Instituto de Cardiologia e Transplante do Distrito Federal.

Quando eu tinha 10 anos, um pediatra pediu vários exames. Após os resultados, constatou-se que eu tinha apenas um rim e que eu precisava de acompanhamento com uma equipe de nefrologistas pediátricos. Fui encaminhada para o Hospital da Criança, onde fiz esse acompanhamento.

Em 2017, a minha função renal foi diminuindo, chegando a 14%, quando precisei começar a fazer hemodiálise três vezes por semana. Logo fui encaminhada pela minha médica para uma entrevista-consulta no ICTDF, com a equipe de transplante.

Em outubro de 2018, fui listada no Cadastro Nacional de Transplante. Após cinco meses, recebemos a tão esperada ligação do ICTDF. Havia surgido um rim compatível comigo. Aí começava o dia mais importante e feliz da minha vida. Foi uma mistura de sentimentos, medo, ansiedade e alegria.

Ao chegar ao ICTDF, senti-me acolhida por quem me recebeu na recepção. Assim continuou ao longo do dia por todos os funcionários e profissionais, médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, enquanto realizavam os exames finais. Eles sempre chegavam com uma palavra carinhosa.

Meu transplante foi realizado dia 8 de março de 2019. Foi um sucesso, e, com oito dias, recebi alta hospitalar. Nesse período de internação, tive o acompanhamento de equipe médica, técnicos e todos os funcionários do ICTDF, que contribuíram de uma maneira especial e carinhosa para a minha recuperação. Sou extremamente grata por tudo o que fizeram e ainda fazem por mim, em especial, à minha médica, Dra. Helen, pois, desde o transplante, tenho outra qualidade de vida, posso fazer coisas que antes eu não tinha condições.

Os pacientes do DF são privilegiados para o transplante quando têm 12 anos e 30 quilos, porque senão teriam de ir para outro estado. No meu caso, seria em Belo Horizonte ou Porto Alegre. Eu cheguei a ir para Belo Horizonte fazer consultas, mas, graças a Deus, consegui aqui em Brasília. E agora sigo sendo acompanhada a cada três meses com exames e consultas.

O ICTDF é um hospital importante e necessário para nós, pacientes do DF e Entorno, pelo trabalho realizado, como consultas, exames e transplantes, pelo diferencial dos seus funcionários pela dedicação, atendimento e acolhimento, tornando-se uma segunda família. E com o mesmo cuidado com seus pacientes nas consultas pós-transplante.

Devido ao meu tratamento, a afinidade e o carinho com algumas pessoas do ICTDF, fui influenciada positivamente na escolha da minha profissão: escolhi enfermagem.

Minha eterna gratidão ao ICTDF. (Palmas.)

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	34

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Ah, não, isso não é marmelada, não? De verdade? Você escolheu enfermagem? Sem cola agora, porque quem tem dezesseis anos gosta de colar, não é? Vamos conversar sem colar. Você falou que não podia fazer nada. Hoje você faz tudo?

SRA. TAINÁ RODRIGUES VASCONCELOS – Mais ou menos.

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Tudo o quê?

SRA. TAINÁ RODRIGUES VASCONCELOS – Antes, eu fazia karatê.

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – E agora?

SRA. TAINÁ RODRIGUES VASCONCELOS – Agora eu pretendo voltar, depois da pandemia.

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Pretende voltar. Não voltou ainda? É preguiça, não?

SRA. TAINÁ RODRIGUES VASCONCELOS – Não, é por causa da pandemia mesmo.

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Você sabe o que significa Tainá?

SRA. TAINÁ RODRIGUES VASCONCELOS – Eu acho que é estrela.

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – É estrela, do tupi. Não é à toa. Meu bem, você nasceu para brilhar. Você sorri com os olhos, e quem sorri com os olhos faz toda a diferença. Olhem lá. Que bom que você está bem.

Quem a operou está aqui? Foi a Dra. Helen?

SRA. TAINÁ RODRIGUES VASCONCELOS – A minha médica está aqui.

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Está aí? Quem é?

SRA. TAINÁ RODRIGUES VASCONCELOS – A minha médica é a Dra. Helen.

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Mas não foi você que a operou, não é, Helen?

SRA. HELEN SIQUEIRA – Não, eu sou só clínica. Os cirurgiões não estão aqui, são os cirurgiões urologistas que a operaram.

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Legal, que bom. Parabéns por ter escolhido a gloriosa enfermagem. Tenha muito sucesso.

Eu falei aquela bobagem aqui mais cedo, esquece, porque foi só para atizar os médicos e tal. Vai viver para sempre, meu bem. Obrigado por ter vindo aqui.

A mãe dela está aqui ou o pai? Quem está aqui acompanhando-a?

SRA. TAINÁ RODRIGUES VASCONCELOS – A minha tia.

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – A sua tia? Está aí, cadê ela?

SRA. TAINÁ RODRIGUES VASCONCELOS – Está ali em cima.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	35

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Está longe por que, tia? Essa tia está meio desnaturada. Tem que ficar perto dela. Obrigado por tê-la trazido. Que bom, parabéns!

Secretário, isto aqui é diferente, esta é uma sessão diferente, não há como ser formal! Fale aí, meu amigo.

SR. MANOEL LUIZ NARVAZ PAFIADACHE – É emocionante!

Eu preciso me retirar, tenho um compromisso na Secretaria de Economia, e, quando a gente fala em Secretaria de Economia, já viu que eu vou buscar recurso. E venho para cá para ver vocês votarem.

Eu queria, antes de sair, primeiro dizer ao André e ao Jorge que, sempre que vocês falam, aprendo muito, que bom que a gente tem vocês no instituto. Dra. Helen, é a segunda vez que eu ouço você, hoje ao vivo. A primeira vez foi no nosso filmete. Você consegue transmitir emoção nas suas palavras, na sua maneira de falar e traduz o que todos sentem pelo instituto. Pode ter certeza disso. Você, para nós, é um ícone.

Dr. Volnei, que bom revê-lo. Com a máscara, não me dei conta de que era você. Continuamos brigando. Daqui a pouco, nós teremos aquela área exemplar de transplante de medula óssea na sua totalidade. Aquilo é um ícone dentro do instituto e dentro de Brasília. Nós, na secretaria, estamos precisando muito do trabalho de vocês. Podem ter certeza de que essa é a minha briga também.

Eu queria destacar a presença também do Dr. SRA., que tem uma história muito interessante. Eu estava aguardando-o chegar da busca de um coração, se não me engano, em Uberaba. Ele chegou num helicóptero e, mesmo depois de mais de doze horas entre ir e voltar, ele me disse: "Bati o dedo na porta do helicóptero". Eu pensei que ele iria parar. Que nada! Ele foi fazer a cirurgia de transplante. Ele trouxe um coração de seis anos e implantou numa criança de dois anos.

Eu estou destacando esses nossos profissionais e tantos outros que temos aqui para mostrar a qualidade não só profissional, técnica, mas o envolvimento desses médicos, desses profissionais, junto com esse corpo de enfermagem maravilhoso. É isso que faz o resultado desse instituto.

Sabe, Dra. Patrícia, nós temos que colocar, cada vez mais, o instituto dentro do programa de cardiopatia congênita que o Ministério da Saúde nos proporcionou. Evidentemente tudo isso extrapolou Brasília. O instituto não trabalha mais só para Brasília. Agora, cada vez mais, vai trabalhar para o Centro-Oeste, quiçá pelo Brasil e para tantas crianças quantas aparecerem e para cirurgias cardíacas de pessoas adultas de fora de Brasília.

Esse é o nosso instituto. Eu queria dizer para vocês que ontem eu despachei com o governador. Nós vamos atrás de uma casa para vocês. Ontem nós, eu e a Valda, fomos com a Terracap ver o terreno. Levamos a arquiteta, e estou autorizado a viabilizar uma casa para o nosso instituto. (Palmas.)

Obrigado. Foi bom mesmo estar com vocês hoje aqui.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	36

Deputado Jorge Vianna, obrigado, mais uma vez, por esta magnífica cerimônia. Não dá vontade de sair. Eu vou sair porque vou atrás de recurso. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Que beleza! Mais coisa eu quero aqui hoje. A gente vai conseguir o terreno para construir nossa casa e parar de ficar dependendo daquela turminha. Essa turma eu conheço. Deixe para lá. Amigos, não é? Fui militar muitos anos também. Inclusive fui do HFA – Hospital das Forças Armadas. Trabalhei no HFA quando era militar, na ortopedia.

General, avise ao Secretário de Economia, André Clemente, para liberar recurso. Vamos melhorar essa tabela aqui. Por quê? O meu pedido de Deputado sindicalista é óbvio. Eu vou pedir: eu gostaria muito que, no ano de 2022, o ICTDF concedesse um reajuste para todos os trabalhadores daquela instituição. Viu, Valda? Esta é a missão: conceder um reajuste mais que merecido. Não preciso falar mais nada. O que vocês já fizeram por aquela instituição e pelo nosso povo é mais que merecido. Então peça, reajuste esses valores, e vamos batalhar o reajuste para os nossos colegas. E obrigado por ter comparecido, meu amigo.

Na sequência, vamos ouvir as mais esperadas para serem ouvidas. A Gaby também é transplantada renal e veio aqui falar um pouco, testemunhar um pouco como foi isso.

Concedo a palavra à Sra. Gaby Gonçalves.

SRA. GABY GONÇALVES – Boa tarde a todos. Eu gosto de microfone porque sou locutora, publicitária. Então, é perigoso eu ficar aqui mais um pouquinho, Elaine. Mas vou reduzir bastante a minha fala.

Em 2010, eu perdi meus rins em um susto. Eu, extremamente saudável, estudando, fazendo faculdade, trabalhando, com a vida a mil, de repente, tudo parou por conta de uma insuficiência renal que eu desconhecia. Eu tive um mal-estar e, quando cheguei ao hospital, eu já fui diagnosticada como renal crônica.

Foi um susto, parei um pouco para me cuidar. Ali está a Dra. Daniela Salomão, que me acompanhou e me ajudou a entrar na fila de transplante. Não é, doutora? Ela dava plantão todas as quartas, eu me lembro como se fosse hoje. A Dra. Helen também já fez muito plantão comigo na CDRB – Clínica de Doenças Renais de Brasília e acompanhou, também, um pouquinho da minha trajetória.

Entrar na fila de transplante sempre foi o meu foco, porque eu sempre acreditei que o transplante seria eficaz para que eu pudesse dar continuidade à minha vida, tendo qualidade. Depois de três anos de hemodiálise, o que não é fácil – quem faz hemodiálise sabe disso –, quando a Dra. Helen explanou ali toda a dificuldade de um renal crônico, eu chorei porque eu lembrei, Dra. Helen, que eu só queria comer uma banana e não podia, porque ela é rica em potássio. Essa é uma das frutas de que eu mais gosto, e eu era impedida de comer. Água, nem se fala! A gente tomava água de forma regrada. Cheguei a comer muito gelo, porque matava a sede. Então gelo triturado ou gelo em casa, porque matava a sede mais rápido.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	37

Quando eu fui chamada para fazer o transplante, eu não tive dúvida. Corri, fui e fiz. A minha primeira medalha eu recebi na saída do ICDF, quando eu fui para casa, quando eu recebi alta. Àquela minha primeira medalha hoje se somam 93 medalhas, porque eu virei uma atleta amadora. Hoje eu sou uma corredora de rua. (Palmas.)

Eu já corri em alguns estados e também no DF, inclusive eu sou meia maratonista. Não vou prometer uma maratona, porque não é fácil. Calma! Eu já fiz a corrida de São Silvestre, que são quinze quilômetros; já fiz a meia maratona no Rio de Janeiro; já fiz a volta da Pampulha, em BH. Quero dar continuidade, agora, em 2022. Hoje, tenho 93 medalhas, não por ter chegado em primeiro lugar, mas por sair do meu ponto de largada e atravessar a linha de chegada.

Com isso, com todo esse entusiasmo do esporte na minha vida, hoje eu tenho um projeto de inserir pessoas na atividade física, especificamente na corrida, na caminhada e na *bike*. Este ano eu tive o *insight* de fazer um projeto chamado Desafio da Boa Causa e tive a felicidade de ser recebida pelo general – que não está mais aqui – e mostrar de perto um pouquinho o que é o ICDF. Fui recebida também pela equipe de comunicação que abriu as portas e me ajudou em tudo: médicos, enfermeiros, equipe que comprou a ideia comigo. Nós colocamos no Parque da Cidade, em um mês, pessoas para caminhar, correr e pedalar em prol da doação de órgãos, porque é o Desafio da Boa Causa: Doe órgãos, doe vida!

Deputado, eu preciso do senhor em 2022, porque eu sei que o ICDF já está comigo nessa causa. Eu sei que a Camila também me apoiou muito nessa causa. Ela é uma querida. O Hospital de Base também. Várias pessoas me ajudaram. Levei sozinha nas costas, mas eu sei que muita gente também esteve ali segurando a minha onda. Em 2022, eu quero aumentar, eu quero dobrar a meta de quantidade de pessoas correndo pela doação de órgãos. Nós precisamos falar mais sobre esse assunto, ele precisa ser mais divulgado.

Eu quero ser rápida, mas eu preciso falar também que hoje eu conheci o ICDF de forma diferente. Eu conheci o ICDF de dentro para fora. Bom seria se todos os transplantados estivessem aqui para escutar, para ver tudo que o ICDF tem feito nos bastidores. Porque, às vezes, a gente não tem essa oportunidade no dia a dia.

Estou aqui não somente para os transplantados, Deputado e convidados. Estou aqui, também, pelas pessoas que estão na fila de transplante. Manter o ICDF e qualquer instituição que faça e realize transplante como uma instituição viva, é prova de que outras pessoas terão vida e qualidade para dar a mesma continuidade que eu, a Tainá e a Elaine tivemos.

Eu quero agradecer imensamente a cada funcionário do ICTDF, a cada médico que me acompanhou e por cada sorriso. Estou me lembrando aqui de uma prestadora de serviço da área de limpeza, que me chamava de Estrelinha. Então, são pessoas, são rostos que a gente não esquece.

Eu quero agradecer muito por estar hoje falando dessa instituição, porque ela trabalha de forma humana. É humanizado o trabalho do ICTDF. O fato de o médico e

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	38

o funcionário chamarem o paciente pelo nome é prova de respeito, de carinho e de comprometimento.

Agradeço muito. Contem comigo quantas vezes vocês precisarem. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Você está convidada para a Corrida do Sindate, no Eixão, em maio de 2022.

SRA. GABY GONÇALVES – E V.Exa. está convidado a me ajudar no Desafio da Boa Causa, em 2022.

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Não é para correr, não, né?

SRA. GABY GONÇALVES – Pode caminhar. Faça bonito, Deputado! (Risos.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Obrigado, Gaby. É bom a gente ouvir os depoimentos de quem pode falar. Quantos não puderam, neste Brasil?

SRA. GABY GONÇALVES – Friso muito: neste ano, eu ganhei uma placa de honra do Ministério da Saúde. Fui a única pessoa do Distrito Federal a ganhar essa placa, por ter promovido a ação de publicar a doação de órgãos. Graças a Deus, estou viva para poder contribuir com essa causa.

Eu falo que, quando uma pessoa fica doente, a família toda fica doente. Quando esse paciente fica saudável, a família também está saudável. A minha família hoje é saudável, graças ao transplante. Estou transplantada há oito anos. Calma. Fiquei com medo. Falei: amor, só tenho dois anos. Mas já esqueci essa data, e vamos ser felizes. A minha família hoje é saudável porque eu estou saudável.

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Muito bem.

Como diz a Helen, o ICTDF é uma doença que cura. É a única doença que cura, pois falaram que o ICTDF é contagioso.

Vou passar a palavra rapidamente para o defensor público que está aqui. Acho que todo cidadão do Distrito Federal tem que respeitar o trabalho da Defensoria Pública, porque é ela que nos ajuda no momento em que mais precisamos. Temos essa parceria. Infelizmente, ainda há muita judicialização, na Secretaria de Saúde, de procedimentos, cirurgias etc. A gente queria muito que não houvesse tanta judicialização. Acabam se formando duas filas – quem é do complexo regulador sabe –, existe a fila normal e a fila da Justiça. Então, o bom seria se tivéssemos uma fila única.

Concedo a palavra ao Sr. Ramiro Sant’Ana, defensor público do Distrito Federal.

SR. RAMIRO SANT’ANA – Boa tarde, Sr. Presidente desta audiência pública. Cumprimento vários presentes que são amigos meus e amigas minhas durante esses dez anos de atuação na Defensoria Pública na área de saúde. Cumprimento todos e todas na pessoa do Deputado Jorge Vianna e na da superintendente do ICTDF.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	39

A judicialização é vista com muita desconfiança, mas o ICTDF sabe bem que, na parceria com a Secretaria de Saúde e a população do Distrito Federal, a gente sempre teve uma graxa facilitando o caminho: a judicialização.

É longa a nossa relação com o Instituto de Cardiologia porque, durante muitos anos, a demanda reprimida foi e continua sendo muito grande. Mas esta semana foi muito significativa. A gente recebe, semanalmente, a lista de crianças que vão ser atendidas pela área de cirurgia cardíaca. E, pela primeira vez, eu vi o planejamento de mais de dez crianças para serem operadas numa semana. Isso nunca aconteceu, pelo menos, nos últimos dez anos. Eu nunca presenciei. Estou certo, Dr. André? Estou certo. Isso foi motivo de comemoração entre os colegas. Por quê? Porque há dez anos – eu entrei na Defensoria em 2010 –, cirurgia cardíaca pediátrica tem sido o maior problema que a gente enfrenta em termos de dramaticidade, em termos de desespero das famílias, em termos de comoção.

Eu vi a projeção das notícias, e poderiam passar aqui vinte, trinta reportagens. Todo semestre eram um, dois, três casos que iam para o *Metrópoles*, para a *Globo*. A situação era exposta, e a coisa não melhorava. Havia sempre demanda reprimida, havia sempre ações ajuizadas, e não havia uma fila normal e uma judicializada. Havia quase só a fila dos judicializados. Até que nós chegamos a um momento de crise absoluta, que alcançamos no ano passado – o pessoal descreveu muito bem –, uma crise de desabastecimento total.

O Instituto de Cardiologia, a Secretaria e a Defensoria têm orgulho de ter ajuizado uma ação civil pública que facilitou esse debate e que trouxe o Ministério Público e o Judiciário para a resolução dessa questão. Nós aproveitamos aquele momento de crise para ser uma oportunidade de resolução. Então, nós saímos do momento de crise, há menos de um ano, para este momento em que estamos comemorando as dez crianças que foram operadas numa semana.

Então, há uma contribuição importante do sistema de justiça. Aí, são todas as instituições envolvidas, não só a Defensoria e o Poder Executivo, mas também o Ministério Público, que foi um grande parceiro, e a Procuradoria do Distrito Federal, a advocacia de forma geral.

Isso mostra que a gente pode transformar aquelas centenas de ações judiciais que foram ajuizadas para cada criança, durante esses dez anos, numa resolução para todas. Hoje, daquelas dez crianças, havia algumas que não estavam judicializadas, que estavam sendo beneficiadas por uma resolução que teve, sim, a participação do sistema de justiça.

Então, hoje, a gente tem como atuar de forma a preservar o interesse de cada um, dar a cada um o tratamento de que precisa, mas, ao mesmo tempo, dar as condições para o sistema ir para frente, desenvolver-se e não se desestruturar. É difícil. Muitas vezes, os gestores ficam preocupados com a ordem judicial. A solicitação vem num tom impositivo, às vezes, provocando um receio de responsabilização pessoal.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	40

Mas a gente tem, neste momento, uma prova de que a gente pode alcançar juntos uma coisa muito boa.

Eu estou dando o exemplo principal, que é o da cirurgia cardíaca pediátrica, mas a gente tem também a experiência do cateterismo cardíaco. A fila ficou enorme. Depois de uma ação civil pública, conseguimos nos organizar para restabelecer o atendimento regular.

Dessa experiência, que foi difícil e na qual avançamos, ficaram algumas coisas. A primeira que eu quero registrar é que nós ajuizamos centenas e centenas de ações individuais durante esses anos para que os pacientes tivessem acesso ao Instituto de Cardiologia, mas nenhuma de pacientes reclamando dos serviços de vocês. Então, a luta é para entrar lá. Uma vez que os pacientes entram, eu nunca recebi uma reclamação do atendimento oferecido lá. Eu registro os parabéns em nome dessas pessoas que eu atendo frente a frente. Vocês sabem como funciona o balcão da Defensoria: é olho no olho. Nunca alguém reclamou do serviço. A luta é para entrar e, claro, para sair depois de tratado, mas, enquanto estão lá, estão muito satisfeitos. Eu os parabeno por isso.

A segunda é que foi atribuído ao Instituto de Cardiologia – e atribuído cada vez mais – um serviço de alta complexidade, e, se faltar o Instituto de Cardiologia, a gente não tem a quem recorrer imediatamente. Durante os debates que nós tivemos nessa ação civil pública, foi apresentado por uma gestão anterior da Secretaria de Saúde o atendimento pelo Instituto Hospital de Base como uma solução à época. Cabe à gestão decidir isso, mas a solução pensada não foi implementada.

Isso mostra o seguinte: serviços de alta complexidade, se nós decidimos atribuir para um terceiro – e a saúde complementar está aí para isso –, esse terceiro tem que estar hígido. Então, se a opção é feita pelo Distrito Federal, se o Chefe do Poder Executivo e os Srs. Deputados aqui decidirem que a alta complexidade em cardiologia, que é uma coisa importantíssima, vai ser atribuída a um instituto, esse instituto tem que estar hígido.

A escolha é dos senhores. A Defensoria vai estar do lado da população e falar o seguinte: “Olha, a escolha foi feita? Ótimo. Vocês fazem, mas ela vai ter que funcionar.” Espero que nunca mais voltemos àquela situação de atendermos, todos os dias, cinco, seis, sete famílias de mães e pais desesperados, porque seus filhos não estavam sendo operados. Então, se é essa a escolha que estamos fazendo agora, vamos apoiar esse instituto para que ele tenha essa qualidade para todos e todas que precisarem acessar.

Eu fico muito feliz que ele esteja agora se desenvolvendo mais ainda na área de transplantes também, porque outra ação civil pública que nós ajuizamos é relacionada ao transplante de medula óssea. Até quase cancelaram as férias da Dra. Camila para ela poder lidar com essa ação.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	41

Fizemos essa escolha. Vamos seguir e vamos desenvolver esse instituto para que ele preste para a população esse serviço de alta complexidade em cardiologia e transplante, de que a gente tanto precisa.

Muito obrigado. Coloco a Defensoria à disposição de todos e todas aqui. Muito obrigado, Deputado, pelo seu apoio. A Defensoria só está em pé por conta da força que nós recebemos desta instituição, que é a Câmara Legislativa.

Obrigado. Boa noite. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Ramiro, obrigado. Mande um abraço para todos os defensores, sempre muito organizados, sempre muito atuantes aqui. A Maria está sempre aqui com a gente. Mande um abraço para ela. Obrigado.

Ela faz uma das festas mais belas que há aqui em Brasília no final do ano. (Riso.)

Eu chamei a Tainá para cá. Você aceita um cafezinho? Um suco? Um refrigerante? Você pode tomar tudo normal?

SRA. TAINÁ RODRIGUES VASCONCELOS – Eu não tomo refrigerante.

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Não toma porque não quer ou porque não pode?

SRA. TAINÁ RODRIGUES VASCONCELOS – Porque eu não quero.

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Então, está bom. A melhor coisa do mundo é não tomar refrigerante.

Convido a fazer uso da palavra o Dr. Vitor Barzilai, que, inclusive, tem um compromisso. Desculpe-me a demora. Está tão bom aqui. Está tão rico o debate. Você está com a palavra, meu amigo. Obrigado por ter vindo.

SR. VITOR BARZILAI – Obrigado, Deputado Jorge Vianna. Obrigado pelo espaço. Obrigado, Vanda. Obrigado, General Pafiadache.

Eu queria voltar um pouco na nossa conversa ao longo do dia e falar mais sobre identidade. Aquela reunião de que o general falou foi uma reunião com o corpo clínico em que ele observou a gente reticente, preocupado, num momento bem desesperançoso. Na verdade, aquela primeira reunião foi um primeiro resgate da nossa identidade.

O Jorge falou sobre o preconceito quando o hospital chegou à cidade, e, muitas vezes, a identidade de alguém é posta à prova ou acontece frente ao embate do outro. Foi mais ou menos o que aconteceu naquela época, ainda como Fundação Zerbini. Nesse primeiro momento, pautado pela Fundação Zerbini, o hospital ficou funcionando pelos preceitos da Zerbini, que eram ciência e humanismo. Eu acho que pauta o início da nossa história e pauta a vontade de trabalhar essa identidade inicial criada dentro da instituição. Uma instituição que ficou sem identidade depois que eles saíram. Nós viramos o Instituto de Cardiologia, mas muitos nos chamam de Hospital

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	42

do Coração. A gente funciona dentro do HFA. Então, o reconhecimento interno da nossa identidade, assim como o externo, sempre foi uma grande dificuldade.

A sensibilidade da nova gestão foi extremamente importante, porque, nesse primeiro momento, eles reconheceram, chamaram o corpo clínico. E, nessa primeira reunião, ficou muito claro que, para o corpo clínico, nós éramos um instituto de cardiologia e transplante, e as crianças eram importantes nesse cenário da cirurgia cardíaca pediátrica. Eles nos ouviram, e a marca criada foi sobre a maneira como o hospital se entendia.

Eu queria agradecer por esse resgate. Na verdade, esta nova marca que estamos vendo hoje representa, em um primeiro momento, nós nos entendermos em relação a essa identidade de Instituto de Cardiologia e Transplantes e, como o general falou, em relação à criança com cardiopatia congênita.

Frente ao que o André falou e entendendo que essa identidade é criada a partir de um momento de embate, neste momento de maturidade em que a gente tem certeza de que o nosso serviço é bem consolidado, é importante – eu quero trazer aqui de novo o que o André falou – a comunidade entender que o Instituto de Cardiologia e Transplantes, agora ICTDF, realmente é um patrimônio da cidade, é um patrimônio do Centro-Oeste e é importante. Convido todos a entenderem o hospital dessa maneira, porque é a maneira como ele precisa ser visto realmente.

Em relação à área técnica, eu coordeno as UTIs adulto do Instituto de Cardiologia. Dentro das UTIs adulto, a nossa meta diária, frente a toda produção sobre a qual a gente conversou, é produzir em torno de três ou quatro cirurgias cardíacas/dia. Nos fins de semana, aos sábados, a gente ainda faz uma. E, quando o transplante acontece, é aquela coisa de ter que fazer vaga para a gente poder fazer, muitas vezes, sete cirurgias num dia só com quatro salas de centro cirúrgico e dez leitos de UTI cirúrgica, como a Carminha falou. Essa é a nossa missão diária. A gente tenta desenvolver os números a partir dessa missão diária.

Dentro das UTIs, dentro do transplante e da insuficiência cardíaca, é como o Jorge e a Elaine falaram. Ela se apresentou como paciente com insuficiência cardíaca. Quando ela descompensou, naquele momento, ela ganhou um outro diagnóstico na verdade e passou a ser uma paciente com insuficiência cardíaca avançada. E o transplante cardíaco, no caso, é o tratamento para a insuficiência cardíaca avançada, de escolha primeira linha. Só que é preciso entender que existem outros tratamentos para conseguir leva-la na melhor condição até o transplante, e, muitas vezes, quando o paciente tem contraindicação ao transplante, a gente tem como lançar mão de outros tratamentos.

Esses tratamentos têm nomes difíceis e complexos: são sistemas de suporte circulatório mecânico. Existem muitas modalidades, múltiplas modalidades, aquelas de longas permanências e as de curta permanência. E a de curta permanência que durante a pandemia entrou em voga, em relação a uma máquina coração/pulmão, ou uma máquina só pulmão, foi o Ecmo.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	43

O Jorge apresentou o caso da Bia, que foi o primeiro caso no Brasil com sucesso de Ecmo em 2005. A Bia viveu até aos 16 anos de idade, ela passou por Ecmo em três momentos da vida dela: naquele momento em que ela nasceu, pré-transplante cardíaco e pós-transplante cardíaco. Infelizmente, ela teve complicações precoces relacionados ao transplante e veio a falecer. Eu gostaria de prestar uma homenagem à Bia, que foi uma pessoa extremamente importante, teve um papel extremamente importante nesse desenvolvimento do serviço de Ecmo.

A Ecmo, dentro da nossa instituição, foi sempre vinculada à cirurgia cardíaca pediátrica, a partir desse primeiro marco, e ao transplante cardíaco. Não para suporte do paciente até o transplante, mas para aqueles pacientes que têm complicações no início do transplante, que enfrentam o que a gente chama de falência primária de enxerto. A gente usa Ecmo como uma forma de conseguir dar tempo para o coração descansar até que o coração volte a funcionar. A Elaine ficou em ECMO nessa situação, em falência primária de enxerto, e a Charlotte, que o Jorge apresentou, ficou 58 dias em Ecmo por falência primária de enxerto. Até a pandemia, era uma das pacientes do Brasil que ficou mais tempo em Ecmo nessa situação, e teve recuperação do coração depois de tanto tempo.

Então aqui eu gostaria de fazer esse ensejo em relação a entender que, no nosso tratamento, os transplantes são importantes, mas em relação ao coração terminal, a gente está tratando, na verdade, a insuficiência cardíaca avançada, e existe uma série de modalidades que são incorporação tecnológica, mas que também são linhas de cuidados relacionadas a essa incorporação tecnológica. Isso a gente tenta desenvolver, mesmo no SUS, desde 2005, por um esforço do corpo clínico da instituição em conseguir manter esse tipo de cuidado lá dentro.

Muito obrigado. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Faltam ainda para falar aqui comigo o Dr. Marcelo Ulhoa. Ele está aí? Já saiu. A Dra. Adenalva está aí, não é? E o Dr. Fernando, está aí? Pronto! São só esses dois que estão na lista aqui. Peguei o primeiro nome – acho que falta até o sobrenome para ficar melhor –, mas eu não peguei a especialidade. O Dr. Jorge Afione é cardiologista pediátrico?

DR. JORGE AFIONE – Eu sou cardiologista intensivista.

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – A Dra. Helen?

DRA. HELEN – Eu sou nefrologista.

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – O Dr. André Watanabe?

DR. ANDRÉ WATANABE – Eu sou cirurgião do aparelho digestivo e transplante de fígado.

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Dr. Volnei Vilela?

DR. VOLNEI VILELA – Eu sou hematologista e transplante de medula óssea.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	44

DEPUTADO JORGE VIANNA – Dra. Adenalva, já se apresente e diga quem a senhora é, porque para mim só chega o nome, e eu gostaria de saber qual é a especialidade.

Concedo a palavra à Dra. Adenalva.

SRA. ADENALVA BECK – Boa tarde a todos.

Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer enormemente por estar aqui presente, fazendo parte desta sessão, que considero uma sessão histórica. Quero agradecer a V.Exa., Deputado Jorge Vianna, à nossa querida Superintendente, Sra. Valda, ao General Pafiadache, que já teve de sair, e a todos os colegas e Deputados aqui presentes.

Meu nome é Adenalva Beck. Eu sou médica coordenadora do Serviço de Ecocardiografia do Instituto de Cardiologia e Transplante do Distrito Federal. A ecocardiografia é uma área de diagnóstico por imagem em cardiologia. Nós somos um time. O time começa pelo clínico, que faz a primeira avaliação, pela área de diagnóstico, em que eu me incluo atualmente, e, posteriormente, pelos tratamentos seguintes que vão culminar, às vezes, numa cirurgia.

Desde que eu era pequena, eu queria ser médica. Eu vim de uma cidade pequena do interior da Bahia, uma cidade que não tinha muitos recursos. Vivenciei as grandes dificuldades que a população carente, na qual eu me incluía, tinha para ter acesso ao Sistema Único de Saúde, que no papel é lindo e maravilhoso, mas que eu pude comprovar, ao longo da minha trajetória, que ele é real, que ele pode acontecer, sim, e acontecer com excelência.

Ao longo da minha trajetória, eu fiz universidade na Universidade Federal da Bahia; depois, eu tive o privilégio de trabalhar em residência de clínica médica no Hospital de Irmã Dulce, que se tornou uma santa. Lá eu pude acompanhar o trabalho quase que impossível e diário do que se podia fazer numa população com tão pouco. Depois, eu consegui ir para o Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina na Universidade de São Paulo, onde eu vi como o serviço público pode ser tratado com excelência, onde vi que um paciente pode ser tratado e ter acesso a tudo que qualquer outro paciente do serviço privado pode.

Movida por esse sonho, eu vim para Brasília, em 2003, para fazer parte desse projeto de dar seguimento, aqui em Brasília, a uma instituição de excelência – da qual eu ainda me sinto fazendo parte, porque o Instituto de Cardiologia é sim uma instituição de excelência. Porém, com muita dor e desespero, nós vimos esse instituto, no ano passado, quase fechar as portas por uma série de situações financeiras.

Eu hoje me sinto fazendo parte do instituto de uma forma... Como é que eu diria? Eu hoje acho que a minha missão, dentro da minha carreira e do meu trabalho, é servir dentro do Instituto de Cardiologia à população do serviço público de saúde. É claro que eu também trabalho em outros hospitais, mas, para mim, o Instituto de

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	45

Cardiologia consegue, hoje, oferecer ao paciente tudo de que ele precisa; porém, nós temos hoje em dia necessidades enormes para renovar o nosso parque tecnológico.

Eu trabalho com tecnologia, eu dependo de diagnóstico por imagem, então dependo de equipamentos como todos os outros colegas aqui. Nós precisamos renovar o nosso parque tecnológico. Nós lidamos com cardiologia de alta complexidade. Nós fazemos mais de 15 mil ecocardiogramas por ano, mais de 1800 por mês, utilizando de quatro a cinco equipamentos de eco apenas. Fazemos quase sessenta exames de alta complexidade por período. Isso, para quem não é da área, até pode parecer que não é um número tão grande, mas esse é um número gigante. Nós nos comparamos quase a institutos de referência no País, como o Dante Pazzanese e o InCor – Instituto do Coração. Nós hoje temos um volume enorme dentro de um espaço pequeno, inclusive. Eu fiquei até emocionada quando o General Pafiadache falou que, talvez, a gente tenha uma casa grande e maior.

Eu acho que, na vida, a gente sempre tem que buscar objetivos e propósitos. Eu posso falar, em nome de todos os colegas que trabalham conosco lá no instituto, tanto médicos quanto enfermeiros e toda a equipe multidisciplinar, que o instituto é para nós, hoje em dia, um propósito de vida. Nós queremos servir, mas servir com excelência.

A gente tem ambições. A gente não faz só assistência. A gente faz assistência, ensino e pesquisa. O Dr. André mostrou muito bem números de uma publicação que ele fez. É uma publicação que tem relevância não só nacional como também internacional. Então, nós somos extremamente ambiciosos. Nós queremos servir e servir bem. Nós queremos ensinar. Nós queremos atrair talentos, reter talentos, desenvolver talentos. A gente quer estimular nas pessoas essa sensação de pertencimento, que, acho, torna-nos feliz e nos move.

Então, quando a gente vê um instituto como esse, às vezes, prestes a fechar as portas, ou quando a gente vê diariamente uma luta para ver qual paciente a gente vai poder chamar primeiro, qual aparelho a gente vai ter para fazer dois exames ao mesmo tempo, a gente realmente sofre. E a gente sofre como se a gente estivesse sofrendo por um ente querido que está sofrendo.

Então, hoje em dia, podemos dizer que nós somos parte daquela construção. Aquilo ali não são mais só paredes. Aquilo ali é um propósito de vida. Eu convido todos que ainda não conhecem o nosso hospital que, por favor, vão ao nosso hospital, conheçam, porque nós lá fazemos um trabalho muito sério. E cada vez que vem uma pessoa a mais para a nossa equipe, como a Helen bem disse, ela se contamina. Mas é um contágio do bem, porque a gente está ali para, realmente, fazer o nosso melhor.

Eu agradeço, mais uma vez, a todos que estão aqui nos ajudando a tornar esse instituto cada vez mais forte para servir cada vez melhor a todos. Descobrimos que nada é impossível quando existe vontade e existe união. Brasília foi feita por Juscelino Kubitschek e por sua equipe enorme em cinco anos. Então, acho que a gente pode conseguir muita coisa ao longo desses próximos anos.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	46

Muito obrigada, mais uma vez. Eu sou muito grata. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Obrigada, doutora.

Eu sou candidato a ser o garoto propaganda do instituto. Já até falei: eu vou levar o nome do instituto a qualquer lugar a que eu for no País. Já comecei. Aqui mesmo na Câmara, eu falo muito, porque esse instituto eu aprovo. Esse instituto eu aprovo, porque eu estou vendo, realmente, para onde está indo o dinheiro, eu estou vendo a prestação de contas. Eu estou vendo que vocês não estão lá por dinheiro.

Eu acho que duas palavras resumem o instituto hoje. Uma que você falou: pertencimento, porque vocês se apoderaram disso: “Isto aqui é nosso”. E a outra é resiliência. Rapaz, vocês quase fecharam as portas. O ano de 2020 foi terrível. Foi terrível. E assim, forças ocultas se aproveitaram do momento de fragilidade para tentar, ainda, empurrar para o buraco. E eu percebi isto: que muita gente queria que vocês não existissem mais.

Então, foi uma luta de que vocês têm de se orgulhar mesmo, viu Valda? Por estarem ainda de pé e fortalecidos. O que não mata fortalece. Já que não mataram vocês, vocês agora vieram com força total. E vamos fazer uma publicidade superpositiva de vocês. Eu não admito que falem mais mal do Instituto de Cardiologia. (Palmas.) Vai haver problema: pode atrasar salário. Mas vamos correr atrás do dinheiro, vamos resolver o problema. Porque, nesta Casa, aqui, a gente vota projetos aí de remanejamento de recurso de 150 milhões para empresas de transporte, tantos milhões para não sei quem. E quando é para a saúde, são vinte milhões, dois milhões, três milhões.

Vamos, realmente, valorizar a saúde e investir na saúde. E por mim, se eu pudesse, se eu tivesse o poder da caneta, eu colocaria recurso até zerar tudo, para não se ter mais demanda reprimida e a gente ter alta tecnologia, melhorar os equipamentos, trazer coisa de ponta. Como eu falei. “Mas Jorge, lá não é público 100%.” É público, porque, se atende 90% do SUS, é público. Assim como o instituto também. Então, vamos parar de preconceito, Dr. André. Preconceito que eu tinha e eu sou muito honesto em falar que eu tinha um preconceito. Hoje não mais. Então, se com a minha fala, se com o meu pensamento, hoje eu conseguir influenciar os colegas Parlamentares, a população em geral, vou fazer isso. Podem contar comigo nessa jornada, a partir de agora. Podem contar, de verdade, comigo. Sem demagogia.

Para finalizar aqui as nossas palavras, os nossos oradores, quero passar a palavra aqui para o Dr. Fernando Atik. Dr. Fernando, o senhor sabe que, no final, sempre é aquele que lacra, não é? Então, lacre aí para a gente. Cheio de intimidade, não é? Desculpe-me aí.

SR. FERNANDO ATIK – Muito obrigado pela oportunidade e pela honraria de ser o que vai finalizar. Obrigada, Valda, por ter incluído o meu nome na lista.

Sou cirurgião de coração. A gente faz bastante cirurgia de transplante em adultos, crianças, transplantes. Eu serei breve, não vou me estender, só quero contar

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	47

uma história, uma das muitas histórias que aconteceram nesses muitos anos em que eu estou trabalhando lá no hospital.

Há mais ou menos uns oito anos, apareceu um coração para uma criança que estava em estado muito grave lá no hospital. A gente foi buscar esse coração em Niterói, no Rio de Janeiro. Foi uma operação logística muito complexa, com a Força Aérea Brasileira, com a Polícia Militar do Rio de Janeiro. Pegamos um helicóptero em Niterói, depois que se retirou o coração, que foi voando até o Galeão, onde o helicóptero parou perto do avião, mas eram ainda mais ou menos uns cem metros de distância. No transplante de coração, você tem que correr contra o tempo: quanto menos tempo o coração ficar fora do corpo, maior a chance de sucesso.

Então, eu saí com a térmica, com gelo e coração dentro, correndo feito um doido para ganhar um ou dois minutos. Entramos no avião, viemos até Brasília – de onde pegamos um outro helicóptero da Base Aérea até o hospital – e fizemos o transplante. A criança ficou bem.

Essa notícia ganhou uma repercussão muito grande na mídia. Saiu no *Jornal Nacional*, e a reportagem acabou saindo na retrospectiva do ano da *Rede Globo* como uma das matérias de destaque na área da saúde. Uma das pouquíssimas matérias que ganharam destaque.

Passou algum tempo, mais ou menos uma semana, eu entro no centro cirúrgico – acho que muitos de vocês não conhecem essa história, nem o pessoal do hospital – e ganho um bilhete de uma funcionária da limpeza do centro cirúrgico. Aquilo me emociona até hoje, porque ela escreveu assim: “Eu tenho orgulho de trabalhar no ICDF. Quando eu vi você carregando aquela geladeira, correndo, eu senti que eu estava junto com você lá. Eu estava correndo junto com você.”

O que acontece? O sentimento das pessoas que trabalham ali é o de torcer pelo sucesso alcançado no trabalho que a gente faz. Eu senti que o hospital tem uma alma, e poucas instituições conseguem atingir esse nível de profundidade no que fazem. Ele tem alma e corpo. Há o corpo das pessoas que estão lá, mas existe um espírito muito forte envolvido na dedicação, no comprometimento, na ajuda que um dá ao outro no sentido de fornecer o melhor atendimento possível.

Não podemos deixar essa alma e esse corpo morrerem, porque é isso que faz o sucesso do Instituto de Cardiologia. Sem isso, o impacto para a população seria enorme, porque o instituto hoje alcançou um nível de atendimento que transcendeu os limites de Brasília. Hoje, é nível nacional, é orgulho nacional. Isso deve ser encarado como um orgulho para Brasília e para todos nós.

O que eu queria dizer é que o Instituto de Cardiologia é parte do sistema, ele não quer ganhar em cima de ninguém. Não quer ganhar em cima do Iges, do Hospital de Base. Ele está aqui para ocupar o espaço dele e contribuir para a população do DF, gerando valor e comprometimento para a população inteira.

Muito obrigado. (Palmas.)

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	48

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Parece que foi combinado: lacrou mesmo! Essa era a história que a gente queria ouvir também, uma história real. Até quando a gente assiste àqueles filmes de romance em que o cara deixa a mulher ir embora e, depois, ele corre atrás do avião, a gente pensa: pegue, chegue lá! Imaginem um coração dentro de um *case*.

Eu gosto disto aqui para caramba. Eu gostaria de ouvir a Joseane, que trabalha no complexo regulador, falar um pouquinho como é isso, porque quem está assistindo a nós acha que existe fura fila, e, com o complexo regulador hoje, nós temos e respeitamos fila. Muita gente liga para mim desesperada pedindo uma UTI, pedindo transplante. A gente não pode fazer isso, existe uma fila. Então, eu oriento, eu falo para procurar a Defensoria. Eu vou brigar para melhorar o atendimento, vou colocar recursos, mas eu não posso furar fila.

Então, diga para todos que estão nos acompanhando se existe fura fila.

Concedo a palavra à Sra. Joseane Gomes Fernandes Vasconcellos.

SRA. JOSEANE GOMES FERNANDES VASCONCELLOS – Boa noite. Eu queria agradecer a oportunidade e dizer que estou, hoje, como Diretora-Geral do Complexo Regulador, e a Central de Transplantes é uma das unidades que fazem parte do complexo.

É importante dizer que o sistema de transplante é extremamente organizado, a legislação de transplante é muito consolidada no Brasil, e realmente não existe essa possibilidade de furar fila, pois os critérios são muito bem estabelecidos, o sistema faz o ranqueamento sozinho. Então, quando a gente tem a informação de um doador, a equipe do Núcleo de Organização de Procura de Órgãos insere aquelas informações, e outra equipe da Central de Transplantes, que é a equipe do Núcleo de Distribuição de Órgãos e Tecidos, é que faz o ranqueamento no sistema e faz contato com as equipes de transplantes. Então, são equipes interligadas, mas são equipes diferentes durante todo o processo. E o processo é extremamente transparente, auditável e justo, feito com critérios técnicos bem estabelecidos para todo o Brasil. Portanto, não existe, realmente, essa possibilidade de furar a fila.

Ano passado foi um ano muito complicado para o transplante no Brasil inteiro, em função da pandemia, e, graças a Deus, a gente teve o apoio do ICTDF, porque o transplante não parou na instituição. O fato de ser uma instituição de alta complexidade que não tem o mesmo fluxo de emergência de outros hospitais fez com que a unidade ficasse um pouco mais protegida, digamos assim, da Covid. E os transplantes conseguiram, aos trancos e barrancos – não é, Dr. André? –, com todas as dificuldades, ser realizados com sucesso.

Hoje, estamos trabalhando, cada vez mais, com vários colaboradores. A Gaby comentou da campanha, e a gente já quer a sua colaboração também. Em setembro, tivemos a colaboração de várias pessoas na nossa campanha de doação de órgãos. Todo ano, em setembro, a gente toca a doação. A Camila, que é Diretora da Central

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	49

de Transplantes, este ano tocou brilhantemente a campanha, e a gente tem batalhado para que o transplante seja, realmente, um assunto difundido para toda a população.

A Secretaria de Saúde está com uma especialização em gestão de transplantes, e, com isso, a gente está buscando capacitar várias pessoas de todos os hospitais, inclusive hospitais de fora. Centrais de transplantes de outros estados estão vindo para serem capacitadas aqui em Brasília nesse curso que vai ser promovido pela Central de Transplantes e pela FEPECS – Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde, para que a gente consiga ter um maior número de doadores, um maior número de transplantes e uma excelência na assistência de todos os usuários do SUS. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Obrigado, Joseane.

Eu gostaria que alguns dos senhores, das senhoras, mandassem um recado para aquelas pessoas incrédulas que acham que o paciente, quando está com morte encefálica, tem chance de viver e, com isso, não doam os órgãos. Eu já vi muita gente dizendo: “Eu não vou doar não porque ele pode voltar a viver. Não sei”. Existe muito isso, o que faz com que a gente perca muito tempo e, de repente, a oportunidade de conseguir um órgão daquele doador. Existe muito isso, não é, Jose?

Alguém poderia falar sobre isso? Sobre esse medo das pessoas de serem doadoras? O doador ainda tem que colocar o nome na identidade dizendo que é doador? Quem autoriza a tirar os órgãos da pessoa, do parente que está no hospital? Falem um pouquinho sobre isso. Só para quem está nos acompanhando saber mais ou menos como é que é. Porque existe muito este medo: será que vão desligar os aparelhos? Será que, só porque eu sou doador, vão desligar rápido para poder tirar os meus órgãos? Existe isso?

Concedo a palavra à Sra. Camila Vieira Hirata Almeida, Diretora da Central Estadual de Transplantes.

SRA. CAMILA VIEIRA HIRATA ALMEIDA – É muito importante tocar nesse assunto, esclarecer, porque o transplante só existe quando há uma doação. E realmente o diagnóstico de morte encefálica precisa ser muito esclarecido. É um diagnóstico que envolve profissionais capacitados. Então, são médicos especialistas que fazem exames de imagem, comprovando que não há nenhuma circulação sanguínea, por exemplo, na cabeça daquele paciente. Fazem exames clínicos – abrem o olho do paciente, constatam que o paciente realmente não está respirando.

Existe um protocolo de morte encefálica, que é seguido no Brasil inteiro, que constata a morte daquela pessoa. Inclusive, se família tiver algum médico de confiança que queira acompanhar esse protocolo, também pode. E aí o diagnóstico é irreversível. A gente constata que o paciente que teve um traumatismo craniano, sofreu algum acidente, teve uma lesão realmente irreversível. Não há cirurgia, não há o que ser feito. Ele morreu.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	50

E essa doação de órgãos tem que ser autorizada pela família. Hoje não adianta deixar registrado em um documento. Você precisa comunicar à sua família. Claro que hoje as redes sociais são muito utilizadas. Então, muitas pessoas colocam um *post* dizendo: “Eu sou doador”. Então, já sinalizam para a família essa intenção de serem doadoras. Porque a família é quem autoriza a doação. Familiares até o segundo grau. São os pais, os avós, os filhos, os netos, os irmãos e os cônjuges.

Então, o importante é esse esclarecimento. O nosso papel é conscientizar, esclarecer. Qualquer dúvida que surgir, a família, a sociedade pode procurar a Central de Transplantes, porque é um processo complexo, existem várias etapas. São exames de sorologia, tipagem sanguínea, tudo isso está envolvido para fazer a compatibilidade.

E o Distrito Federal vem avançando. Neste ano, de janeiro a outubro, nós já fizemos mais de 500 transplantes. Foram 574, para ser mais precisa. E é um ganho porque, como foi falado, na pandemia, houve um impacto. Então, é toda essa recuperação. Há um reconhecimento nacional.

Então, a doação de órgãos precisa ser conversada, porque, como eu falei, só existe transplante com a doação.

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Quando, no hospital, seja privado ou público, os médicos detectam que houve morte encefálica, o protocolo é o hospital comunicar a Central de Transplantes? Ele é obrigado? Em quanto tempo? E isso funciona direito aqui, seja na rede pública ou privada?

SRA. CAMILA VIEIRA HIRATA ALMEIDA – Sim. Há uma lei, é notificação compulsória. Então, toda morte encefálica deve ser comunicada, e aqui nós temos isso bem estabelecido, é uma cultura mesmo de notificação. Inclusive, nos registros brasileiros de transplantes, que comparam os números de todo o País, o DF está em primeiro lugar em número por milhão de população nessa notificação.

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Existe uma equipe médica específica que vai ao hospital, seja público ou privado, para fazer a captação? E essa equipe, por exemplo, tem condições – ou seja, número suficiente de profissionais, caso haja mais de um doador no mesmo dia – de fazer essa captação?

SRA. CAMILA VIEIRA HIRATA ALMEIDA – A gente faz um sincronismo. Hoje, inclusive, está havendo uma doação. O Dr. André sabe disso, da correria de quando há essa oferta de órgãos de um doador disponível. Às vezes, a equipe está, por exemplo, em um transplante, e surge um outro doador. Aí a gente precisa organizar centro cirúrgico, todas as equipes precisam estar ali naquele momento. Então, dependendo do doador, se vai doar o coração, fígado, rins, a córnea, é preciso orquestrar tudo aquilo; mas, como foi falado, quem trabalha no transplante, trabalha 24 horas, domingo, feriado, madrugada. Acaba que a nossa família tem que entender também isso, porque é realmente apaixonante, porque nós nos envolvemos. Aos profissionais, aos médicos captadores ligam de madrugada, para o Dr. Fernando Atik, para o Dr. André: “Olha, há uma oferta!”. Entram na ambulância e vão captar o órgão às 5h da manhã.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	51

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Quando o médico captador chega à unidade privada, essa unidade privada tem que dispor de uma sala cirúrgica para poder fazer a cirurgia e tal. Os gastos com aquela captação quem paga?

SRA. CAMILA VIEIRA HIRATA ALMEIDA – Todo o processo de doação e captação é custeado pelo SUS. Esse financiamento é do FAEC – Fundo de Ações Estratégicas e Compensações, que é extrateto; então vem carimbado, digamos assim. Os procedimentos são repassados pelo Ministério, todas as ações de doação e captação é o SUS quem paga, quem financia.

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Pronto! Tirei todas as minhas dúvidas. Eu estava com dúvida nisso.

Bom, pessoal, eu vou passar a palavra para Dra. Valda para as considerações finais sobre tudo que nós falamos aqui e depois eu quero ouvir para finalizar, aqui, a Tainá, nossa futura enfermeira.

Com a palavra a Dra. Valda César.

SRA. VALDA CÉSAR – Acho que é sempre bom e importante ratificar que está muito clara a importância, a relevância, mais que relevância, a essencialidade do instituto para o Distrito Federal, para os usuários do SUS. Isso é inquestionável, porém, Deputado, é muito importante falar que nós estamos – eu até uso esta frase – mergulhando e saindo para respirar.

Nós estamos num momento com uma entrega muito eficiente, mas nós precisamos muito de ajuda, precisamos fechar um novo contrato – pena que o general já saiu, mas estamos tratando disso –, precisamos fechar um novo instrumento contratual em dezembro. Temos compromissos firmados em ação pública civil, temos que ter um novo contrato, isso é irrefutável. Se não tivermos um novo contrato, tudo isso que estamos falando aqui, em termos de entrega, de resultado, de atendimento humanizado, de eficiência, não conseguiremos tocar.

Essa questão que o General Pafiadache colocou sobre o terreno, é muito importante que isso tramite de uma forma efetiva. Vamos precisar muito desta Casa, dos empresários de Brasília e de todo mundo que possa colaborar para a construção de um hospital, porque um hospital, hoje, tem um custo elevado. Eu já deixo aqui a solicitação para termos um próximo encontro com o senhor, no sentido de criarmos estratégia de captação de recursos. Ter o terreno é muito importante e é o primeiro passo; sem ele, não existe construção, mas a construção de um hospital é muito importante. Nós temos uma permanência oficial dentro daquele espaço do terreno militar só até 2024.

Estamos com um sucesso muito importante nas emendas parlamentares, e quero fazer um registro aqui sobre emendas parlamentares. Hoje nós não temos uma emenda que foi concedida que tenha uma trava dentro do ICTDF. Todas as federais e as distritais estão instruídas, estão com o plano de trabalho pronto, estão efetivamente na mão de alguém – e não é na nossa.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	52

Mas esse é o apelo que eu deixo. No mais, eu quero agradecer novamente aos presentes, a todo mundo, às equipes, aos multiprofissionais, aos médicos, a todo o grupo que está lá em cima, que compõe também o administrativo. É um agradecimento muito grande.

Quero deixar um agradecimento muito grande à oportunidade de a gente estar nesta comissão geral. Esta comissão e esta Casa são a porta para a gente se aproximar da sociedade civil. É ali que está o nosso valor. Nós queremos essa marca forte, essa compreensão e que se efetive uma frase que o André falou aqui, que é muito importante: o hospital é patrimônio do Distrito Federal. Se ele é patrimônio do Distrito Federal, há muito o que fazer para que ele de fato se caracterize. E para isso nós vamos precisar de muita ajuda. Já precisamos agora em 2022.

No mais, é um agradecimento especial, de coração, para V.Exa., para todo mundo que está assistindo a nós, em qualquer canal, em qualquer espaço. E que venha 2022 com muitos atendimentos, com muita humanização, com esse instituto salvando muitas vidas.

Muito obrigada. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Tainá, manda um recado, sem cola dessa vez. Sem colar. Fala aí. Pode agradecer, pode fazer o que você quiser. Manda um abraço para a mãe, para o pai.

SRA. TAINÁ RODRIGUES VASCONCELOS – Quem não conhece o ICTDF, vá conhecer. Vocês vão ver qualidade, acolhimento, serviços de verdade. O ICTDF precisa de investimento da Secretaria de Saúde. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Você está escalada agora para ajudar a captar recurso. Vamos fazer o seguinte: vocês captam os órgãos, e eu capto o recurso. De captador para captador. E vocês cobram. E toda a sociedade aqui cobra.

Gente, muito obrigado por me ensinar. Acho que eu aprendo todo dia aqui na Câmara Legislativa do Distrito Federal. E, hoje, realmente, foi um encontro esclarecedor. Desmitificamos muitas coisas. Falamos a verdade e nos emocionamos.

Eu acho que, quando há um paciente falando do que passou, dá muito mais força a qualquer movimento. A população dá força ao movimento. Senão, fica parecendo que é uma coisa classista: os profissionais querem melhorar, porque querem ter recursos a mais. Mas não é. Vocês confirmam o que eles estão dizendo. Fazem um bom trabalho. Barato pela tabela. E nós vamos ver isso, realmente, porque, se existem empresas fazendo serviços mais caros do que o instituto, não justifica. Princípio da economicidade. O Estado tem que ser mais econômico. Ora, se eu tenho uma instituição que pode fazer mais barato, por que estou pagando mais caro em outra? É aquela velha briga aqui com relação a UTI: tem que pagar mais caro, tem que pagar mais barato. E o meu papel é fiscalizar. Fiquei impressionado com os números: se realmente é isso que estiver acontecendo, então alguém está errando.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	53

Senhoras e senhores, eu fiquei muito emocionado aqui e muito honrado em poder, na minha primeira legislatura, falar com pessoas tão importantes aqui do meio médico, do meio profissional dessa área que é tão fina. Falar de transplante não é falar de qualquer tipo de doença. Nós estamos falando aqui de uma atenção quaternária, que a maioria esmagadora do Brasil, dos estados e até mesmo de alguns países não tem. A atenção quaternária, os transplantes, é para aqueles estados, para aqueles governos que são bons. Inclusive, o próprio governador pode bater no peito e dizer assim: "Olhe, eu sou o Governador do Distrito Federal, onde nós atendemos a atenção quaternária." Transplante, meu amigo, não é qualquer lugar do Brasil que faz transplante! E aqui se faz! Então, como não defender uma bandeira dessa? Eu fico orgulhoso em dizer que nós temos um hospital que faz transplante. Como eu ficava envergonhado em dizer que, em Brasília, não existia um hospital oncológico. Agora vamos ter. O governador está construindo um hospital oncológico. Era uma vergonha, para o Distrito Federal, não ter hospital oncológico. Agora não! Agora nós temos. E seria uma vergonha também nós não termos um hospital que fizesse transplante. Agora, nós temos, aliás, há muito tempo, nós temos, mas agora eu diria que o Instituto de Cardiologia fez um transplante, em que foi incluído um t: Instituto de Cardiologia e Transplantes do Distrito Federal. Nasce, hoje, em Brasília, um novo instituto, um novo serviço para toda a população do Distrito Federal.

Concedo a palavra à Sra. Carminha, por consideração a você, que me apresentou, de fato, o instituto.

SRA. CARMINHA – Eu só queria falar que tudo isto aqui é em prol dos pacientes e que a gente atende paciente de vários estados. Há pacientes que vendem o que não têm para chegar até aqui. Eu sei disso porque são histórias que eu vejo dentro do setor em que eu trabalho, dentro da UTI. A gente ouve muitas histórias. Isso aqui é em prol deles e em prol também dos nossos colaboradores, que nunca desistiram, que acreditam! Por mais que a gente tenha tido momentos difíceis e esteja passando por momentos muito difíceis, mas a gente está aqui, acreditando e a gente nunca vai desistir.

Eu quero deixar uma frase que uma chefe minha sempre fala, uma líder minha sempre fala: "O paciente é o amor de alguém; é o pai de alguém; é a mãe de alguém; é o irmão de alguém. Ele é o amor de alguém". Então, que isso fique aqui e que a gente conte com o apoio desta Casa.

Deputado Jorge Vianna, V.Exa. já é o nosso padrinho.

Obrigada. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Aceito o título com honra.

(Manifestação na galeria.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JORGE VIANNA) – Falta o *Kids*. Os pediatras dizem que só falam de cirurgia. E as crianças? Então, tem que colocar ICTDFKids.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
25 11 2021	15h10min	48ª Sessão Ordinária/Comissão Geral	54

Pessoal, muito obrigado a todos que participaram aqui. Existe uma frase meio clichê, que circula no Brasil inteiro, que é assim: "Juntos somos fortes"! Não adianta estarmos só juntos, nós temos de estar, de fato, unidos. Então, eu diria que essa frase deveria ter um complemento, dizendo assim: "Juntos somos fortes, mas unidos somos imbatíveis"! E, a partir de agora, essa união entre a Casa, o ICTDF, a secretaria e a população, de todos será em prol de melhorias para esse grande hospital, esse valeroso hospital.

Podem contar com a gente. Muito obrigado a todos que estão nos assistindo, que passaram a tarde ouvindo e aprendendo um pouco mais sobre cirurgia, sobre transplantes.

E, assim, agradeço a presença dos Parlamentares, das autoridades, do governo e demais convidados que honraram a Câmara Legislativa do Distrito Federal com sua presença.

Nada mais havendo a tratar, declaro encerrada esta comissão geral, bem como a sessão ordinária que lhe deu origem.

(Levanta-se a sessão às 18h53min.)